UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
CURSO DE PSICOLOGIA

ISABELLY BARROS EIRAS TAVARES

A(S) INVISIBILIDADE(S) DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: De bruxa à histérica

Pouso Alegre – MG
2024

ISABELLY BARROS EIRAS TAVARES

A(S) INVISIBILIDADE(S) DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: De bruxa à histérica

Trabalho apresentado ao Curso de Psicologia para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia

Orientador(a): Profª. Meª Viviane Vianna de Andrade Fagundes.

Pouso Alegre – MG

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca

Tavares, Isabelly Barros Eiras.

A(s) Inviabilidade(s) da Violência contra a Mulher: De bruxa à histérica / Isabelly Barros Eiras Tavares – Pouso Alegre: Universidade do Vale do Sapucaí, 2024.

58 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -. Universidade do Vale do Sapucaí, 2024.

Orientador(a): Profª Meª Viviane Vianna de Andrade Fagundes

1.Violência. 2. Mulher. 3. Inquisição. 4. Loucura. 5. Histeria. II. A(s) Invisibilidade (s) da Violência contra a Mulher: de bruxa à histérica.

CDD –

Bibliotecária responsável: Michelle Ferreira Corrêa

CRB 6-3538

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ

CURSO DE PSICOLOGIA

A(S) INVISIBILIDADE(S) DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: De bruxa à histérica

Isabelly Barros Eiras Tavares

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia apresentado à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas, como exigência parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Documento assinado digitalmente
VIVIANE VIANNA DE ANDRADE FAGUNDES
Data: 27/11/2024 17:26:19-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª Me. Viviane Vianna de Andrade Fagundes

(orientador)

Profº Dr. Victor Hugo Alves Sampaio

(examinador)

Profª Eveline Raquel de Oliveira Moura

(examinador)

Aprovada em 05 de novembro de 2024.

Às mulheres, guerreiras e sobreviventes.

Às mulheres da minha família por me ensinarem a ser-no-mundo.

Ao meu pai, por sempre me incentivar a ser questionadora frente às injustiças.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela graça de poder realizar esse curso e poder ajudar outras mulheres através da minha atuação, e pelo sustento durante cada momento e desafio.

Agradeço à minha família por me apoiar nas minhas decisões e ser presente em amor e acolhimento, em especial, minha avó Lilian, que em todo tempo esteve ao meu lado, me acolhendo nos momentos que eu mais precisava e me ensinando as sabedorias e dificuldades de ser mulher. Ao meu pai, por sempre me incentivar a questionar e seguir meus sonhos, e, principalmente, por me incentivar a ser protagonista da minha própria história.

Aos meus amigos, que me apoiaram e caminharam comigo nessa trajetória, aos que choraram comigo e também aos que se alegraram. A trajetória foi muito mais leve com vocês ao meu lado.

A todos os profissionais e professores que me direcionaram e apoiaram, sem os quais eu não teria desenvolvido percepções críticas sobre o mundo e sobre a atuação, em especial, minha professora e orientadora Me. Viviane Vianna pela dedicação e incentivo.

Às mulheres do CIAMPAR, que ampliaram meu olhar sobre o tema.

Formamo-nos a partir das relações que desenvolvemos. Por isso, agradeço a cada pessoa que participou, de alguma forma, dessa trajetória e contribuiu para minha formação profissional.

RESUMO

O presente trabalho desenvolveu reflexões a respeito da violência contra a mulher e suas invisibilidades na sociedade. Apesar de ser um tema presente em muitos outros os momentos no decorrer da história, delimitou-se o período da Inquisição, visto que foi um marco da violência e ódio pelas mulheres, para se realizar o paralelo com o discurso da loucura e histeria, onde as mulheres eram internadas e excluídas da sociedade pelas práticas que levavam ao isolamento da loucura. Por meio de um levantamento bibliográfico, foram analisadas as interfaces entre os discursos diante as concepções e práticas acerca da bruxaria e da histeria e como esses discursos e estereótipos ecoam nos dias atuais. Pela extensão dos discursos, abarcou-se temas centrais, identificando a prevalência em mulheres, a descredibilidade de suas falas, as questões sobre sexualidade e sedução, o espetáculo realizado sobre seu sofrimento, discutindo sobre a necessidade de inventar essas condições como forma de controle e inferiorização das mulheres. Observou-se em todas as obras analisadas, bem como em notícias e filmes como esses conceitos ainda são aplicados, mesmo que de forma disfarçada, e como essas representações contribuem para a manutenção do sistema patriarcal misógino e criminoso, bem como a responsabilidade social e pública sobre esses casos que se mantém silenciados e naturalizados, mesmo quando a violência se apresenta de forma escancarada.

Palavras-chave: violência; mulher; inquisição; loucura; histeria.

ABSTRACT

This paper developed reflections on violence against women and its invisibility in society. Although it is a theme present in many other moments throughout history, the period of the Inquisition was delimited, since it was a landmark of violence and hatred against women, to draw a parallel with the discourse of madness and hysteria, where women were interned and excluded from society due to practices that led to the isolation of madness. Through a bibliographic survey, the interfaces between the discourses were analyzed in the face of the conceptions and practices about witchcraft and hysteria and how these discourses and stereotypes echo in the present day. Due to the length of the discourses, central themes were covered, identifying the prevalence in women, the discreditability of their speeches, the issues about sexuality and seduction, the spectacle created about their suffering, discussing the need to invent these conditions as a form of control and inferiority of women. It was observed in all the works analyzed, as well as in news and films, how these concepts are still applied, even if in a disguised way, and how these representations contribute to the maintenance of the misogynistic and criminal patriarchal system, as well as the social and public responsibility for these cases that remain silenced and naturalized, even when the violence is presented in an open way.

Key-words: violence; woman; inquisition; madness; histerya.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **7**

Capítulo 1: A Mulher e a Bruxaria **12**

Capítulo 2: A Mulher e a Histeria **24**

Capítulo 3: Gênero e as violências visíveis e invisíveis **33**

3.1. De bruxa à histérica 35

3.2. A naturalização da violência 39

CONSIDERAÇÕES FINAIS **45**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **51**

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute um tema de relevância para a saúde pública, estando convergente com a linha de estudo acadêmico da autora e interesse de atuação, visto a invisibilidade do sofrimento psíquico e da violência psicológica contra a mulher, bem como a necessidade uma rede pública de cuidados e prevenção mais efetiva. Durante os estágios acadêmicos realizados pela autora, notou-se essa realidade e pouca divulgação dos números de casos notificados em uma cidade no sul de Minas Gerais. Diante disso, fortaleceu-se a motivação para aprofundar as reflexões acerca dessa temática para fundamentar possíveis intervenções a serem realizadas tanto em demais estágios quanto no desenvolvimento de carreira da pesquisadora, contribuindo para prevenção da violência como previsto na Lei 11.340/2006, Art. 8°, II.

É possível notar na sociedade que o significante "mulher", mais do que uma diferença anatômica, carrega consigo uma série de regras simbólicas que acabaram fazendo parte da cultura. Apesar de não haver um "manual do gênero", é pré-estabelecido os deveres, proibições e designações que ditam a forma pela qual as mulheres devem exercer um papel desejável e para onde devem direcionar suas pulsões (Kehl, 2016, p. 23, 51). Entretanto, esse suposto manual de instruções não consegue direcionar totalmente essas pulsões, gerando o adoecimento dessas mulheres como pôde ser observado na história da histeria (Gomes, Coelho Júnior, 2021).

Simone de Beauvoir (1970), em seu livro O Segundo Sexo, busca justamente responder à essa pergunta: "o que faz de alguém mulher?", questionando os pensamentos e pré-conceitos associados ao gênero e tidos como naturais. Pontuando que, apesar das regras, não foi alcançado um modelo ideal de como ser mulher, e de onde viria a feminilidade, ou ainda o que é a própria feminilidade, que, mesmo sem haver definição concreta, parece ser determinada pelo sexo masculino. "No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra" (Perrot, 2005, p. 33), há uma ausência da mulher nos registros, um silenciamento de suas histórias e narrativas, sendo apenas sombras definidas por alguém que é.

A fala da mulher é frequentemente condicionada ao seu lugar na família e na sociedade (Perrot, 2005, p. 39), o que denota o lugar feminino relegado à passividade e submissão restritos ao lar e à condução masculina, realizando aquilo para o qual supostamente foram designadas. Sendo excluídas da política e da sociedade, onde não há como lutarem pelos seus direitos, apenas obedecendo aos deveres impostos e escolhidos por aqueles que não sabem o que, de fato, é ser

mulher (Del Priori, 2018, p. 83; Perrot, 2007, p. 56, 57). A diferença sexual embasou a busca pelos comportamentos considerados inadequados, e essa ideologia contribuiu para uma visão pecaminosa e patologizante sobre o corpo e comportamento feminino (Sousa, Senna e Medeiros, 2023).

A definição de “violência contra mulheres" apresentada pelas Nações Unidas é “qualquer ato de violência baseada no gênero que resulte ou seja suscetível de resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico às mulheres, incluindo ameaças de tais atos, coerção ou arbitrariedade privação de liberdade, quer ocorra na vida pública ou na vida privada” (United Nations, 1993), além da violência patrimonial, cárcere privado, violência moral e tráfico de pessoas (Ministério da Mulher, 2023). Esse crime fere diretamente aos Direitos Humanos, que afirma “todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal” (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948).

Segundo a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde; 2021) uma a cada três mulheres já sofreu violência física e/ou sexual; dados coletados pelo Ministério das Mulheres, de janeiro a outubro de 2023, indicam que foram recebidas uma média de 1.525 ligações telefônicas pela Central de Atendimento à Mulher diariamente, foram 74.584 denúncias, e cerca de 70% das denúncias realizadas pela própria mulher em situação de violência, dentre as quais a maior parte das vítimas eram mulheres negras e maioria dos casos ocorreram na própria residência das vítimas. Os estados mais contemplados nessas estatísticas foram São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (Ministério da Mulher, 2023).

Quanto aos tipos de denúncia, uma pesquisa realizada em Vitória com mulheres entre 20 e 59 anos apontou, principalmente, a violência psicológica (57,6%), violência física (39,3%) e violência sexual (18%) (Santos *et al.*2020). A pesquisa de Santos, *et al.* (2020) informa que fatores socioeconômicos, religião, escolaridade, histórico na família e uso de substâncias estão relacionadas à violência; observa-se um agravo de 33% do abuso sexual por parceiro íntimo em mulheres da religião evangélica em comparação com as que não pertencem a esse grupo, afirma-se que há vários fatores que contribuam para que a violência sexual seja de mais difícil reconhecimento entre relações de parceiros estáveis, entre eles, quando a mulher vive ou é casada com o agressor, visto que o sexo forçado no relacionamento não é entendido como violência pela mulher.

Crise designa um momento de transição e desenlaces, de resolução e desfechos drásticos; as vítimas, quando decidem denunciar e sair desse ciclo, vivem uma situação de crise e precisam reconstruir suas vidas, delineando um novo cotidiano (Marquetti, Leite, 2018, p. 158).

É a invisibilidade do sofrimento psíquico e as múltiplas violências sofridas na sociedade que chamam atenção ao observar a diminuição das denúncias de violência durante a pandemia, levantando um questionamento sobre a validade dos dados, sendo um momento em que muitas mulheres estavam sozinhas em suas casas com o agressor (Organização Pan-Americana de Saúde, 2021). Um exemplo disso é que, apesar do que fora dito, houve 7.691 feminicídios no Brasil entre 2020 e 2021, período da pandemia (Escudero *et al.*, 2023). O presente estudo propõe discutir que a invisibilidade não é uma questão atual, mas ocorre ao longo da história, em que se observa que as mulheres deveriam se manter invisíveis na sociedade (Perrot, 2007, p. 17), e o quanto esse percurso afeta a vivência feminina atual.

Dentre as consequências da violência na vida das mulheres, há o medo. Medo de ser vítima limita as mulheres em seu direito de liberdade e de ir e vir, e a vulnerabilidade torna as mulheres mais inseguras, resultando em uma quantidade significativa de mulheres que não prestaram queixa sobre as agressões, principalmente quando o agressor é cônjuge, ex-cônjuge ou parente (Engel, 2020). Pesquisas indicam que a saúde física e mental das mulheres também é afetada pela violência, bem como sua vida social, danos psicológicos e sentimento de inferioridade (Lourenço, Costa, 2020; Nogueira, Backes, Costenaro, *et. al*, 2021; Basílio, Muner, 2023).

As Nações Unidas (1993) reconhecem que a violência contra as mulheres é uma manifestação de uma relação de poder historicamente desigual entre os gêneros, a história da mulher carrega consigo uma certa invisibilidade, havendo vazios e silêncios, com registros que apontam para o convencional: “as mulheres”, de forma abstrata, com escassez de pesquisas que tragam à tona os fatos. Muitas mulheres que escreveram sobre sua própria história, destruíram seus cadernos com medo dos julgamentos, o que contribuiu para esse silenciamento, indicando uma dificuldade das mulheres de existir, de se assumirem sujeitos. Uma contradição pensar que aquelas tidas como tagarelas e prolixas, são, na verdade, as mais silenciadas (Perrot, 2005, p. 29-37).

Entre o século XII e XVIII, basearam a desigualdade de gênero sob argumento de que “as mulheres eram a personificação do mal na terra, sendo estas responsáveis, em mais de uma cultura,

por trazer o mal[1]" (Priore, 2020, p. 18), resultando em milhares de pessoas sendo processadas por cometerem bruxaria entre 1450 e 1750, sendo a maioria mulheres. Estimasse que metade desses processos resultaram em execução, deixando esse evento conhecido como a "caça às bruxas", por não se dedicar apenas a julgar os casos, mas descobrir quem eram as praticantes, bem como seus esconderijos. Entretanto, há desacordos no que se refere à causa e origem da bruxaria, não podendo ser explicada apenas pela categoria religiosa, visto que passou pela aprovação de autoridades eclesiásticas e seculares (Mainka 2002). Atualmente, a caça as bruxas é considerada multifatorial, evidenciando, principalmente, o ódio às mulheres (Levack, 1988, p. 1-3). O historiador Dr. Peter Johann Mainka (2002) afirma que, apesar da bruxaria não estar diretamente ligada à Portugal ou suas colônias, a história brasileira apresenta reflexos desse fenômeno.

O que era visto como possessão, passa a ser lido como loucura, mas se mantém o isolamento e silenciamento, excluídos em manicômios (Brito, 2001, p. 15). Pinel e, posteriormente, Charcot transformaram o discurso da bruxa em sintomas histéricos, suas supostas ideias de liberdade da loucura, era, na verdade, uma contabilização de sintomas, uma observação e manipulação do sofrimento em nome da ciência (Borossa, 2005, p. 22).

Estudar a história medieval e outros momentos do passado se faz importante para que se possa compreender as construções de conceitos, culturas e costumes; esses períodos fazem parte da construção da identidade humana, contribuindo para que possa ser discutida e repensada as práticas e pensamentos atuais. Atualmente, há uma ideia sendo discutida de que: "não há uma identidade cultural que seja natural, mas são desenvolvidas e adquiridas no decorrer da história" (Guarinello, 2023, p. 6).

Considerando que as concepções sobre a mulher são uma construção histórica direcionada pelo patriarcado e justificada pela indisciplina feminina (Sousa, Senna e Medeiros, 2023) e a violência contra a mulher um tema presente em muitos momentos no decorrer da história, foram percorridos, através de um levantamento bibliográfico, alguns marcos no tempo para demonstrar esses fenômenos, como algumas práticas inquisidoras contra a mulher na idade média e os discursos e práticas médicas acerca da histeria. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi analisar a relação entre os discursos sobre as mulheres na bruxaria, na histeria e nas diversas formas de violência contra a mulher, visíveis e invisíveis, e refletir como esses discursos ecoam nos dias

[1] Seja Eva comendo o fruto proibido, ou Pandora abrindo a caixa, a mulher era representada como a causadora do mal, só restando a "continência e domesticação do seu desejo" como formas de tentar se redimir diante da sociedade (Priore, 2020, p. 18-19).

atuais enquanto silenciamento das mulheres em situação de violência.

Sem pretensão de esgotar o tema diante de sua complexidade e extensão, espera-se que os resultados desta pesquisa incentivem diversos profissionais a ampliarem e a qualificarem a assistência às mulheres, bem como a alocação de recursos públicos para essa finalidade. Buscou-se com esse estudo contribuir com a conscientização a respeito da violência contra a mulher e seus impactos, processo fundamental para a visibilidade que ainda é urgente, apesar dos avanços.

Capítulo 1: A Mulher e a Bruxaria

Para prosseguir com a discussão do tema, faz-se necessário uma introdução para que se entenda, minimamente, a respeito da história humana, e onde as mulheres são encaixadas no decorrer do desenvolvimento social. A maioria dos antropólogos defende que, nas civilizações mais antigas, as mulheres tinham um papel social importante e considerada um ser sagrado pelo poder de dar a vida, e muitos homens se sentiam marginalizados, o que seria equivalente a uma "inveja do útero". Havia diferenças na distribuição de tarefas, mas não a desigualdade de sua importância, e que a principal fonte de alimentação provinha de plantas e animais pequenos, então todos poderiam prover (Muraro, 2004, p. 5).

Foi com a caça de animais grandes que a força física passou a ser valorizada iniciando uma supremacia da figura masculina, que se tornou ainda mais evidente com as lutas por conquistas de território, onde os homens passavam a ser vistos como heróis. Com o desenvolvimento das tecnologias, o estabelecimento do sedentarismo as pessoas deixam de ser nômades, e começam a estabelecer as primeiras aldeias, e, posteriormente, cidades, em que apenas homens sucediam o governo de seus pais (Muraro, 2004; Priore, 2020).

Priore (2020, p. 12) explica que foi no período neolítico, em que a divisão de tarefas se acentuou, direcionando suas tarefas para atividades que possam ser feitas próximas às habitações, proporcionando um espaço em que tivessem mais filhos e "as mulheres se tornaram cada vez mais 'mães'".Com a ascensão dos primeiros impérios, as sociedades passaram a se tornar patriarcais, baseada na lei do mais forte e, com isso, a mulher ficaria reduzida ao âmbito doméstico, originando a dependência econômica da mulher e uma submissão psicológica (Muraro, 2004, p. 5).

Nesse cenário, o que antes representava a força (gerar), agora simboliza a vulnerabilidade e, a interpretação que muitas vezes é difundida da criação em Gênesis[2], é usada de argumento para que se mantenha a mulher nesse lugar de submissão, visto que primeiro veio o homem, e depois a mulher foi criada a partir dele. A mulher passa a ser vista, também, como tentadora, que gera conflito, relacionada à carne e ao sexo, colocada em posição de causadora de todo o mau que ocorreu (Muraro, 2004, p. 11), o que foi justificado pelos Inquisidores por Eva ter sido feita "a

[2] A autora refere o texto da Criação (Bíblia Sagrada, Gênesis, Capítulo 2) em que Adão é criado primeiro, e Eva é tirada de sua costela.

partir de uma costela recurva [...] cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem" (*Malleus maleficarum*[3], Parte 1, Questão VI, 1484, p. 116). Como bem-dito por Araújo (2018, p. 46), nunca deixaram de lembrar às mulheres sobre a culpa de Eva no Éden, "reafirmado e sempre presente na história humana".

A maioria das sociedades no mundo têm registros e evidências de um temor de que algumas pessoas possam causar mal a outras de forma mágica. Muito disso se deve pela dificuldade em acreditar que situações possam acontecer ao acaso, ou seja, a dificuldade de lidar com a incerteza e a falta de explicação sobre os desastres que acontecem, e acreditam haver pessoas com poder de prejudicar outros sem a intenção ou conhecimento de fazê-lo, como o popular "mau-olhado"[4] ou mesmo pelo simples desejo de que algo aconteça (Hutton, 2017, p. 10; Levack, 1988, p. 7).

Hutton (2017, p. 10-22) afirma que há poucas civilizações que não criam em que essas pessoas pudessem existir no decorrer da formação da civilização, apenas poucos indivíduos que viviam entre os povos que as temiam. Apesar de serem sentimentos de ódio e horror sentidos quase em consenso quando se fala a respeito da bruxaria, raramente suspeitavam de alguém. O próprio *Malleus* previa que "crer em bruxas é tão essencial à fé católica que sustentar obstinadamente opinião contrária há de ter vivo sabor de heresia" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão I, 1484, p. 46).

Para continuar a discussão, é necessário, portanto, dar sentido ao significante da bruxaria para o presente estudo. De acordo com o Historical Dictionary of Witchcraft (Bailey, 2003, p. 22, 144), é complexo definir o que engloba, de fato, a bruxaria, sendo considerada uma junção de práticas de magia, podendo ser sinônimo de feitiçaria ou sendo denominada de *maleficium*, associada as forças sobrenaturais. Esta é diretamente associada à *maleficia* ou a magia negra, que, por definição, era prejudicial, causando danos que poderiam causar até a morte, ou a magia branca, que poderia ser produtiva e gerar benefícios para a própria pessoa ou para a região (Levack, 1988, p. 4-11).

Segundo Hutton (2017, p. 3), as bruxas eram consideradas capazes de ferir os vizinhos ou parentes de formas estranhas, representando uma ameaça para a sociedade, outra característica comum era o fato de não agirem em eventos isolados, mas seguirem uma tradição. A tribo Wimbum,

---

[3] Manual desenvolvido pelos inquisidores Heinrich Kramer e Jacob Sprenguer durante a Inquisição (será melhor explicado no decorrer do capítulo).

[4] Refere-se ao poder de causar mal apenas olhando, sendo o poder maligno do olhar uma das práticas mais populares em diversas culturas (Bailey, 2003, p. 45).

no noroeste de Camarões, usou alguns termos para distinguir as ações das bruxas em poderes usados para própria proteção, usados de forma maldosa e uma mágica que seria inata, podendo ser usada para o bem ou para o mal. Acreditavam, ainda, em uma forma em que as bruxas matavam outras pessoas para comer sua carne. A tribo Nalumin, da Nova Guiné, diz sobre pessoas, especialmente mulheres, que podiam matar outras com poderes invisíveis, já no México há os *tlawelpochime*, também referenciando mulheres, que tomariam o sangue das crianças e matá-las-iam (Hutton, 2017, p. 12).

Os recursos médicos não eram suficientes e o objetivo das práticas se limitavam à fertilidade, sendo assim, as mulheres recorreriam aos conhecimentos coletivos, passados por gerações, elementos da natureza, bem como uma visão mágica do corpo. Surgiam, então, as curandeiras e benzedeiras, mulheres que utilizavam desses conhecimentos a respeito de práticas e plantas medicinais, como uma alternativa para que as mulheres conseguissem ser vistas e obter os cuidados necessários para sua sobrevivência (Del Priori, 2018, p. 88- 110; Muraro, 2004, p. 13). As plantas e raízes usadas pelas curandeiras para fazer medicações eram consideradas pelos inquisidores como "fórmulas malignas forjadas pelas bruxas" com o auxílio do diabo (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão II, 1484, p. 65).

Mas essas mulheres, tornando-se notórias na sociedade, foram logo perseguidas e atacadas pelos inquisidores por pressupor que todas as suas atividades eram resultado de pactos com o diabo e por serem vistas como perigosas, por serem mulheres e por não terem um saber formal, acusadas de serem adivinhas e feiticeiras, reforçando o discurso empregado de que o corpo feminino é susceptível a ação do Diabo (Del Priori, 2018, p. 110). A Questão XI do *Malleus maleficarum* defende que as "bruxas parteiras" são as que mais causam mal, "pois quando não matam as crianças, para atenderem a outros propósitos tiram-nas do recinto em que se encontram, elevam-nas nos braços e oferecem-nas aos demônios" (*Malleus maleficarum*, 1484, p. 155).

As atividades das curandeiras acabavam suprindo as faltas dos médicos, e, por deixarem o corpo feminino em um limbo de crenças e maldições, as mulheres recorriam à soluções sobrenaturais, sendo consideradas feiticeiras (Del Priori, 2018, p. 80). Os médicos também se sentiam ameaçados pelo seu conhecimento e por formarem comunidades para a cura do corpo e alma (Muraro, 2004, p. 13); essa representação também é discutida por Hutton (2017, p. 3) e por Ehrenreich e English (1972, p. 5), principalmente no que se refere à suposta ameaça que essas mulheres ofereciam ao poder religioso, sendo acusadas de atacar os fundamentos religiosos e

morais, causando prejuízo e desgraça, sendo frequentemente relacionadas à atividades sexuais, que era condenada pela Igreja porque viria do diabo.

A consolidação dessa imagem ficou marcada em 1324 no julgamento de Alice Kyteler[5] e suas companheiras, consideradas hereges pelo assassinato por meio de feitiçaria e pacto com o diabo, "a primeira de tantas bruxas hereges a ser queimada na fogueira na Irlanda" (Levack, 2004, p. 42). O caso de Kyteler foi um marco importante na construção do entendimento da bruxaria. Entretanto, foi no fim de século XV que a imagem do mago, predominantemente representado pela figura masculina, se transformou na bruxa má, imagem evidenciada e fortalecida pelo *Malleus* (Levack, 2004, p. 31-32), tratado de bruxaria feito por teólogos dominicanos que será mais bem explicado no decorrer do capítulo,

Dentre as milhares de pessoas processadas por cometer bruxaria na Europa, a maioria era mulheres, e estima-se que metade desses processos resultaram em execução. Esse evento ficou conhecido como a "caça às bruxas", por não se dedicar apenas a julgar os casos, mas pela incessante busca por descobrir quem eram as praticantes, bem como seus esconderijos e ações. Entretanto, há desacordos no que se refere à causa e origem da bruxaria; atualmente, é considerado que a causa é multifatorial, incluindo os fatores religiosos, políticos, econômicos, socioculturais e, evidentemente, o ódio às mulheres (Levack, 1988, p. 1-3).

Não há um consenso quanto a forma como as bruxas receberiam os poderes, alguns acreditavam que era por treino, ou hereditário, mas era frequentemente associado ao pacto com algo "maligno", na Europa era o pacto com o diabo. (Hutton, 2017, p. 4). Os inquisidores consideravam que, para ser bruxa, era necessário negar a fé católica, dedicar-se a fazer o mal, ofertar crianças ao diabo e ter relações sexuais com demônios (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão II, 1484, p. 76).

A descoberta dos hereges não era uma tarefa fácil, então se dedicaram a treinar pessoas para o trabalho de pregar e converter. Tornou-se uma tradição romana a titulação de Domingos[6] como

---

[5] Alice Kyteler era uma mulher irlandesa que havia sido casada quatro vezes, sendo que três de seus maridos havia morrido de forma misteriosa, com isso, começaram a acusá-la de tê-los matado para que a saúde deles passasse para ela e seu filho preferido (Bailey, 2003, p. 81). Ela e suas companheiras foram acusadas, não apenas de cometer assassinatos por meios mágicos e convocar demônios, como também de ter relações sexuais com eles, indicando elementos que não eram atribuídos à bruxaria no século XIV. (Levack, 2004, p. 32, 39).

[6] Domingos devotou grande parte de sua vida para combater a heresia, combatendo a todos que se negassem a ouvir o que ele tinha a dizer (Lea, 1906, p. 299), sendo apresentado por Kramer e Sprenger no *Malleus* (Parte 1, Questão 6, p. 112) como fundador dos Dominicanos, dizendo que o santo é representado por um "labrador com uma tocha acesa na boca", fazendo referência à afastar os lobos (hereges) das ovelhas (católicos), sendo o santo reconhecido como líder.

fundador da Inquisição e primeiro inquisidor-general, entretanto, agia como qualquer outro missionário da época, podendo-se dizer que uma organização como a Inquisição começou a aparecer cerca de dez anos após sua morte. Com isso, frequentemente os dominicanos eram associados ao dever de pregar contra heresias e julgar os hereges, e também seus defensores, sendo a Inquisição apenas uma evolução de todo esse processo (Lea, 1887/1906, p. 299-305).

Um inquisidor espanhol chamado Nicholas Eymeric foi o responsável pela criação de um manual para inquisidores em 1376, o "*Directorium Inquisitorium*". Embora o crime de bruxaria só tenha sido definido no fim do século XV, o manual dizia que, para que se considerasse alguém como autor de magias demoníacas, essa pessoa precisaria realizar convocações e sacrifícios aos demônios, caso contrário, seriam apenas mágicos (Levack, 2004, p. 43).Outro texto importante sobre a história da bruxaria é o *Formicarius*, feito pelo teólogo dominicano Johannes Nider entre 1435 e 1437, esse documento se preocupou em descrever as cerimônias das bruxas, conhecido como "*Witches' Sabbath*"[7] (Nider, 1435, p. 52).

O conceito do Sabá só foi desenvolvido no século XV, em que religiosos e autoridades acreditavam que as bruxas tinham reuniões e assembleias secretas, especialmente à noite, para a convocação do diabo e de demônios, e que voavam em vassouras ou outros objetos até o local. Essa definição foi essencial para o desenvolvimento da caça às bruxas, principalmente pelo entendimento de que não agiam sozinhas, mas havia uma organização conspiratória (Bailey, 2003, p. 110), discurso que evitava que as mulheres se unissem pelo medo de serem consideradas bruxas.

Há uma variação na descrição dessas cerimônias, mas frequentemente estavam relacionadas a reuniões noturnas acompanhadas pela deusa Diana[8]. A referência a essa deusa como líder de mulheres em voos noturnos foi no *canon Episcopi*[9], ideias que provavelmente influenciaram a descrição feita do Sabá (Bailey, 2003, p. 39-40). O Sabá se tornou tão referenciado na Inquisição que as confissões das bruxas não eram consideradas completas enquanto não falassem sobre sua participação na cerimônia. Posteriormente, objetivando "suprimir as relíquias do paganismo", a

---

[7] Reunião ou assembleia em que as bruxas realizavam suas cerimônias de adoração aos demônios (Lea, 1887/1906, p. 493)

[8] Diana é considerada a deusa da lua e da caça, escolhida para liderar as assembleias devido à. clássicas referências à suas atividades noturnas, sendo considerada um demônio (súcubo) pelas autoridades eclesiásticas. A mitologia apresenta Diana como uma caçadora, que liderava espíritos em caçadas noturnas (Bailey, 2003, p. 39-40; Lea, 1887/1906, p. 493-494).

[9] A primeira versão encontrada do *canon Episcopi* foi do século X, sendo uma referência para os argumentos dos inquisidores. O conteúdo do texto traz diretrizes e ordenanças aos bispos e outros oficiais à eliminar a feitiçaria e a magia. O texto trata, especialmente, de mulheres que saíam à noite para se reunirem em adoração à deusa Diana, e foi uma base importante para a crença de que as bruxas voariam para o chamado Sabá (Bailey, 2003, p. 25-26).

Igreja optou por catalogar essas histórias das assembleias e voos noturnos como ficção, postulando essa crença como heresia (Lea 1887/1906, p. 495-496).

Esse argumento causou certo ceticismo, onde as pessoas passaram a argumentar que, se o Sabá era ficção, então tudo também poderia ser. Na tentativa de combater essas argumentações, Sprenger levantava sua tese de que apenas a mente das bruxas seria transportada para a assembleia, e, caso tivesse um marido, um demônio assumiria sua forma para que não percebesse a ausência da esposa; diziam haver demônios que levavam as mulheres e as substituíam por uma imagem insensível. Independentemente de quais fossem as argumentações e justificativas, muitas pessoas foram mortas por supostamente participarem dessas reuniões, o que só poderia ser feito com o aval do papa, e essa aprovação era suficiente como prova do crime (Lea, 1887/1906, p. 496-500). Para que pudessem executar o plano de tornar o sistema de governo mais centralizado e hierarquizado, realizaram os tribunais da Inquisição para exercer poder e controle sobre a população, o que incentivou a execução do *Malleus maleficarum* (Muraro, 2004).

Foi entre 1431 e 1448 que começaram os escritos demonológicos, descrevendo o crime (Mainka, 2002). Em 1484, papa Inocêncio VIII deu autoridade aos inquisidores Heinrich Kramer e Jacob Sprenger, teólogos dominicanos, a caçar bruxas na Alemanha (Levack, 2004, p. 119), iniciando a bula dizendo:

> A Fé Católica, mormente em Nossos dias, cresça e floresça por todas as partes, e que toda a depravação herética seja varrida de todas as fronteiras e de todos os recantos dos Fiéis, é com enorme satisfação que proclamamos e inclusive reafirmamos os meios e métodos particulares pelos quais Nosso desejo piedoso poderá surtir os efeitos almejados já que quando todos os erros forem erradicados pela Nossa dissuasão diligente, como pela enxada do agricultor previdente, um maior zelo e uma observância mais regular de Nossa Santa Fé venham a ficar mais firmemente impressos no coração dos fiéis (*Malleus Maleficarum*, Bula de Inocêncio VIII, 1484, p. 41).

O papa continua**,** neste escrito, dizendo a respeito do conhecimento acerca de pessoas de ambos os sexos que deixaram o catolicismo, se entregando a demônios, atribuindo a realização de feitiços e conjurações responsáveis por abortos, dificuldades com as colheitas e animais, doenças, impotência sexual e blasfêmia. O documento tratou de enaltecer as “boas obras” de Kramer, Sprenger e demais inquisidores, bem como oficializar a autorização “para a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas, sem qualquer impedimento” (*Malleus maleficarum*, Bula de Inocêncio, 1484, p. 42-43).

Esse documento foi publicado posteriormente por Kramer como prefácio de seu tratado de

bruxaria, o *Malleus maleficarum*, produzido junto à Sprenger, e respaldado, então, pelo papa Inocêncio VIII (Levack, 2004, p. 57), e baseado em grandes teólogos e pensadores como Agostinho de Hipona[10] e Tomás de Aquino[11]. Byington (2004, p. 19) o descreve como manual de ódio, tortura e morte, dividido em três partes, sendo a primeira o enaltecimento do Diabo e de seus poderes e como suas ações estão ligadas às bruxas. A segunda parte dedica-se a ensinar a identificar e neutralizar a bruxaria e por último os julgamentos e sentenças. O autor define esse período como uma "distorção psicótica" do cristianismo e dos pensadores da época, sendo uma manifestação megalomaníaca e paranoide (Byington, 2004, p. 20).

Hutton (2017, p. 22) afirma que há uma variação quanto ao gênero de acordo com a região e cultura, podendo ser estabelecido apenas um gênero, ou os dois, e mesmo nas que acreditam que ambos pudessem apresentar poderes, há divergência quanto ao mais temido e poderoso, ou seja, é uma questão cultural e ideológica. Byington (2004, p. 33) apresenta que mesmo que a bula papal tenha mencionado bruxos e bruxas, a Inquisição defendia a ideia de que a mulher "perversa é, por natureza, mais propensa a hesitar na sua fé e, consequentemente, mais propensa a abjurá-la – fenômeno que conforma a raiz da bruxaria" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão VI, 1484, p. 116).

Kramer e Sprenger dedicaram a Questão VI (*Malleus maleficarum*, 1484, p. 111-121) para explicar por que entende-se que "as pessoas do sexo frágil" são as principais praticantes de bruxaria, alegando que o os índices estariam pautados na experiência e em testemunhos confiáveis. Suas justificativas se detêm em suas próprias interpretações de textos sagrados e de falas dos grandes teólogos da época, colocando as mulheres como naturalmente mais suscetíveis às influências de "espírito descorporificado". Assim, as mulheres sábias eram condenadas por murmurar encantos, sendo considerado adoração aos demônios (Lea, 1887/1906, p. 492).

Ehrenreich e English (1972, p. 6) discutem que, aos olhos da Igreja, os poderes das bruxas estavam relacionados à sua sexualidade, iniciariam suas atividades com relações sexuais com o diabo, as principiantes teriam relações com o diabo para ser confirmada no Sabá, e em retribuição aos poderes, a bruxa deveria servi-lo. A associação da bruxaria com o diabolismo (adoração do

---

[10] Agostinho de Hipona (354-430) foi um bispo prestigiado e famoso entre os cristãos, considerado o fundador da teologia cristã. Ele foi citado pelos inquisidores por seus escritos a respeito da prática de magia e rituais pagãos (Levack, 2004, p. 27).

[11] Tomás de Aquino (1225-1274) foi um monge dominicano, considerado o melhor teólogo e filósofo da Alta Idade Média. A escolástica, sistema intelectual que se baseou nos pensamentos de Aristóteles, foi definida e desenvolvida por ele e seu professor Albertus Magnus, estabelecendo uma intersecção entre a fé e a razão (Levack, 2004, p. 36).

diabo) mudou a forma que eram vistas e seu julgamento, não eram apenas delinquentes, mas hereges (Levack, 1988, p. 9), podendo ser julgadas tanto pelos tribunais seculares, quanto pelos religiosos.

Com isso, era entendido que as bruxas deveriam ser combatidas, sendo considerado o pior de todos os crimes cometidos (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão XIV,1484, p. 173), apresentando, inclusive, ser um crime que supera a perversidade da "queda dos anjos maus" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão XVIII, 1484, p. 183), e as punições poderiam variar, chegando até a pena de morte e torturas para obtenção de confissões, uma prática comum também em outras sociedades como na Índia, como foi ditado pelos inquisidores:

> Pois as leis divinas determinam, em muitas passagens, que as bruxas não só devem ser evitadas, mas também condenadas à morte, embora só devam receber essa punição extrema se tiverem de fato pactuado com o diabo a fim de causar males e injustiças verdadeiros *(Malleus Maleficarum*, Parte 1, Questão I,1484, p. 51).

Nota-se que diferentes tribos e/ou regiões citadas apresentam a prevalência do feminino na autoria de ações maléficas, ou como responsáveis pela atuação mais perigosa; essas interpretações correspondem com o estereótipo da bruxa europeia. Não há uma explicação conclusiva que explique as diferentes crenças e intensidades de medo no que diz respeito a bruxaria, mas aborda-se a teoria de que o estresse econômico e social, com o advento do Estado organizado, poderia ter intensificado o medo da bruxa, termo que só surgiu com os nativos espanhóis (*bruja*), quando foi associado ao diabo cristão (Hutton, 2017, p. 12-14), chamadas assim por causa do grande mal que causavam (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão II, 1484, p. 67).

Os vizinhos estavam mais preocupados com os possíveis malefícios que poderiam ser causados pelas bruxas do que com a suposta adoração ao diabo ou suas cerimônias (Levack, 1988, p. 10), entretanto, quem não denunciasse, receberia punições (Ehrenreich, English, 1972, p. 5). O próprio *Malleus* (Parte 1, Questão I,1484, p. 54, 58) previa punições aos que procurassem as bruxas, inclusive aos que não acreditavam que existiam; a não crença era considerada heresia e a punição era a excomungação, e nem a ignorância frente ao assunto escapava das punições: "nenhum homem pense poder escapar alegando ignorância. Pois os que erraram o caminho por ignorância podem se achar em pecado gravíssimo" (*Malleus Maleficarum*, Parte 1, Questão I, 1484,p. 59), obrigando as pessoas a crerem e denunciarem para não perderem sua posição social.

Levando em consideração que qualquer pessoa poderia fazer as acusações e ser testemunha, e que apenas uma acusação era suficiente para que as mulheres fossem passíveis de serem

torturadas para confessar o crime, e, mesmo que tenham confessado, o *Malleus* afirma que ainda assim essa pessoa sofreria "todas as outras torturas prescritas pela lei, a fim de que seja punida na proporção de suas ofensas" (*Malleus Maleficarum*, Parte 1, Questão I, 1484, p. 53), não teriam denunciado pessoas apenas para se livrar da pena? Qualquer pessoa não confessaria caso fosse repetitivamente torturada? Isso levava a pessoa a uma posição em que confessaria tudo o que fosse pedido, e todos os envolvidos nas acusações eram mortos na fogueira ou punidos com cruzes (Lea, 1887/1906, p. 457-548).

O *Malleus* novamente aponta a incessante perseguição contra às mulheres em suas perseguições, bem como o medo imposto sobre aqueles que pudessem ser considerados pactuantes com os crimes:

> Hoje, são queimados vivos na fogueira, provavelmente porque na sua maioria são mulheres [...] todos os que consultam ou recorrem a bruxas têm sido punidos com o exílio e têm confiscados todos os seus bens (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão I,1484, p. 54).

Os crimes de bruxaria estavam frequentemente associados à atividades sexuais, luxúria e impureza feminina (Araújo, 2018, p. 46), eram julgadas por crimes sexuais contra o homem, por serem organizadas, terem poderes mágicos relacionados à saúde e possuir habilidades médicas e de obstetrícia (Ehrenreich, English, 1972, p. 5). Dentre os crimes contra os homens, o *Malleus* refere-se principalmente ao de levar os homens à loucura e ódio insanos, confundindo suas mentes e controlando-os (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão II, 1484,p. 66-67), "fomentar paixão desregrada" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão VI, 1484 p. 121), em que o homem teria sua mente contaminada para desenvolver uma paixão desmedida por uma mulher sem pensar nas consequências (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão VII, 1484, p. 128),de "operar coisas prodigiosas nos órgãos masculinos" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão IX, 1484, p. 141) e de transformá-los em bestas (Parte 1, Questão X, 1484, p. 145).

Eram condenadas por provocar abortos, bem como auxiliar nos partos, por oferecer crianças, animais e frutas em sacrifícios a demônios (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão VI, 1484, p. 121), infertilidade (do homem e da mulher) e devorar crianças, em que, nesses crimes, as principais culpadas eram as parteiras (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão XI, 1484, p. 154). Eram punidas pelos erros de outros, visto que "por causa dos pecados das bruxas, os inocentes são muitas vezes enfeitiçados" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão XV, 1484, p. 174), sendo

considerados crimes que superam a “perversidade, os pecados e a queda dos anjos maus” (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão XVII, 1484, p. 183). Apesar dos inúmeros julgamentos e assassinatos, uma das pessoas que criticavam a perseguição exagerada era o inquisidor Don Alonso Salazar Y Frias, que em suas investigações concluiu que não havia bruxas entre as mais de mil pessoas acusadas (Mainka, 2002).

No último ano do século XV, em 22 de abril, os europeus vieram ao Brasil, a chamada “descoberta”, trazendo consigo seus costumes patriarcais e a desconfiança das mulheres, ensinando-as que deveriam obedecer aos homens. Depararam-se com costumes e culturas de povos que estavam vivenciando a transição entre o período paleolítico e neolítico. Os viajantes relataram sua experiência no Novo Mundo a partir de sua visão europeia e cristã, colocando os povos nativos como bárbaros e primitivos. Os espanhóis também vieram ao novo mundo, trazendo consigo seus medos e crenças, dentre elas, as crenças em bruxas (Portugal, 2011).

Nesse contexto, foi possível notar a influência dos valores nos julgamentos e apontamentos realizados pelos colonizadores, especialmente no que diz respeito à mulher indígena, interpretando a cultura a partir de seus próprios pré-conceitos e elementos europeus (Raminelli, 2018, p. 11-20; Priore, 2020, p. 13; Portugal, 2011). As mulheres e os homens tinham liberdade sexual antes do casamento, entretanto, nas tribos não era tolerado o adultério por parte da mulher, podendo ser penalizada com abandono ou até a morte, entretanto, a mesma penalidade não era imposta sobre o marido. Em casos de brigas, poderiam se bater mutuamente sem que houvesse interferências ou proibições e observou-se, também, que não havia relatos de mulheres na liderança das aldeias (Priore, 2020, p. 14; Raminelli, 2018, p. 20).

As indígenas eram descritas pelos colonizadores como pervertidas e luxuriosas, que satisfaziam seus desejos sem pudor, as que tinham maior prazer ao realizar os “desvios demoníacos”. As mulheres eram vistas como as mais depravadas, enquanto os homens foram poupados por não apresentarem tanto prazer ao realizar os rituais e atividades da tribo; entre as mulheres idosas, era inviável serem conduzidas para a evolução pela cristalização da cultura desviante (Raminelli, 2018, p. 36-43). Elas desafiaram a inflexibilidade dos colonos e foram, desde o princípio, amantes deles (Vainfas, 2018, p. 116).

Nider (1435) descreveu alguns elementos do ritual das bruxas, como o canibalismo infantil, renúncia do cristianismo e o aparecimento de demônio em corpo humano, bem como o uso de magia, colocando-as como mais perigosas que outros praticantes de “magia demoníaca” (Levack,

2004, p. 52). Não é de se espantar que os colonizadores tenham descrito as mulheres de forma mais depravada que os homens, dizendo que nos rituais as mulheres demonstravam maior prazer com a carnificina enquanto os homens pareciam apenas estar cumprindo suas tarefas (Raminelli, 2004, p. 24).

Na visão europeia, os indígenas eram degenerados, em um estado de barbárie causado pelo domínio demoníaco, mas, apesar de – teoricamente - ser estendido a toda a comunidade, a degeneração era mais observada entre os grupos femininos, reproduzindo a misoginia e distorção do cristianismo, disseminando o discurso de que as mulheres são mais suscetíveis às tentações. Há um direcionamento do discurso às idosas, que passaram a ser o símbolo do afastamento da cristandade e a representação da resistência contra os colonizadores. Os homens foram poupados, não sendo vistos ou julgados da mesma maneira (Raminelli, 2004, p. 32-34).

Apesar da bruxaria não ter ligação direta com Portugal e as colônias, é possível observar seus reflexos no Brasil (Mainka, 2002).Os colonizadores chegaram ao "Novo Mundo" julgando e condenando os desvios morais e de conduta, especialmente de mulheres (Vainfas, 2018, p. 117). Os recém-chegados "não hesitaram em matar, saquear e conquistar" os povos originários não apenas financeiramente e materialmente, mas sua cultura, sendo suas crenças e costumes demonizados pelos colonizadores. Entretanto, os indígenas logo foram isentos de tais acusações devido à Reforma e Contrarreforma que acontecia na Igreja, sendo alvos da perseguição europeia os africanos, judeus e mouros (Portugal, 2011).

"Women have always been healers", é a forma como Ehrenreich, English (1972, p. 1) iniciam o texto, evidenciando o papel de destaque da mulher no cuidado e na cura no decorrer de toda a humanidade, com o cultivo de plantas medicinais, estudos de anatomia, bem como auxiliar mulheres a terem filhos, como acrescentado por Levack (1988, p. 6). Mas, com o avanço da sociedade, a ciência feminina passou a ser considerada superstição, e logo foi substituída pela ciência masculina, objetiva e baseada em evidências, sendo excluídas do campo de atuação da cura. Os avanços da medicina moderna aconteceram depois que elas foram queimadas e seu conhecimento não foi considerado ou referenciado (Ehrenreich, English, 1972).

A própria anatomia feminina era entendida, pelos médicos, como um "palco nebuloso", recebendo poucos investimentos e pesquisas, restringindo-se apenas ao que implicava a natureza reprodutiva, como a obsessão pelo útero, sendo o adoecimento explicado basicamente por um castigo divino ou ação demoníaca, e sobre esses argumentos que as noções sobre o funcionamento

do corpo da mulher foram firmados, contribuindo, inclusive, para a ideia de que o corpo da mulher seria mais frágil e inferior que o dos homens (Del Priori, 2018, p. 78-87), uma consideração um tanto conveniente para propiciar um ambiente de controle, com o discurso de cuidado e proteção do “sexo frágil” (Kehl, 2016, p. 54).

Capítulo 2: A Mulher e a Histeria

A loucura, na Idade Média, era vista como possessão demoníaca que, no decorrer da história, foi excluída e invisibilizada, frequentemente vista como perigosa. Foram excluídos da sociedade em manicômios, com tratamentos morais, ameaças, castigos e privações (Brito, 2001, p. 15); dentre as características desse ambiente inóspito, pode-se dizer que:

> Não existe qualquer tipo de tarefa, o paciente não possui nada que possa ser sentido como próprio, nem sequer a própria roupa; é um mundo unissexual e os dormitórios com camas alinhadas em longas fileiras não permitem a reconstrução de grupos primários. Contudo, a amputação mais dolorosa é a amputação da dignidade pessoal: no mais íntimo do seu Eu o internado se sente desqualificado e coisificado. Qualquer mensagem emitida é reinterpretada pelo pessoal do hospital como 'coisa de louco', o que deteriora o sentimento de autonomia, de auto-respeito do paciente (Moffatt, 1980, p. 15).

Com a remissão inexplicável da lepra, os inúmeros leprosários foram encontrados vazios e abandonados na Europa, sendo, logo, ocupados pelos "incuráveis e loucos" que eram isolados nos hospitais, o fato de serem direcionados para esses lugares, reflete a forma como as pessoas em sofrimento mental eram vistas, estabelecendo a exclusão como alternativa para aquilo que não podiam entender, para o que não servia, "purificavam" as ruas daqueles que atrapalhavam a ordem e os bons costumes, escondiam o problema de saúde pública ao invés de lidar com ele (Foucalt, 1972, p. 9-15).

Nos hospícios encontram-se aqueles que "perderam a razão", em que não possui algo que seja próprio, mas imposto, tendo sua dignidade amputada e qualquer coisa que for dita por ela é "coisa de louco" ou "coisa da sua cabeça", sem privacidade ou individualidade, tendo a louca que ser obediente e respeitosa. Com isso, "a monotonia e o sentimento de solidão levam a uma vida sem projeto de futuro, pois não é dono de seu destino quem não é dono de si" (Moffatt, 1986, p. 15).Assim, a anulação da voz feminina passou a ser pelo discurso da loucura.A histeria passa por um teor de culpabilidade, sendo descrita como "o efeito psicológico de uma falta moral" (Foucault, 1972, p. 327).

Em um contexto em que as enfermidades eram consideradas provenientes do pecado, as questões sexuais que fazem parte do quadro clínico da histeria foram postuladas como dignas de condenação, alegando que essas mulheres estariam possuídas por demônios. A histeria enquanto vista em caráter médico, voltou a aparecer por volta do século XVII, tirando o enfoque do útero e

passando a ser considerado como sendo do sistema nervoso – rompendo, teoricamente a ligação entre a histeria e a mulher. Entretanto, no século XIX, era considerada uma doença propriamente, tida como feminina (Borossa, 2005, p. 13-14).

Dentre os hospitais manicomiais, um ficou famoso pela Europa pelo "tratamento" de mulheres, especialmente as histéricas: Hospital da Salpêtrière de Paris, definido como o hospital geral das mulheres, o maior asilo da França, único hospital onde poderiam receber tratamento (Didi-Huberman, 2015, p. 34). O hospital também ficou marcado pelo sangue de mulheres que foram massacradas, resultado de uma reunião entre as mulheres da Salpêtrière, que fora associada a um complô das prisões (Didi-Huberman, 2015, p. 32), entretanto, nota-se a falta de informações públicas e de publicações sobre esse episódio trágico e misógino da história.

Freud afirma que há uma rivalidade com a mãe, o que possibilitaria uma análise da rivalidade feminina atual e a dificuldade de sororidade entre as mulheres nas ações contra homens agressores, o que é reforçado pelo histórico de violência contra mulheres que se reuniram no passado. Freud entende a feminilidade como um truque para se conseguir um substituto do falo e que recusar a ausência do pênis pode levar a uma psicose, ou seja, a menina que não reconhece a ausência do falo, do poder, é direcionada ao discurso da loucura, e se vê compelida a agir como um homem (Freud, 1925/2011, p. 262).

O Salpêtrière era, originalmente, um local destinado à fabricação de armas, passando a ser usado como albergue para mulheres excluídas da sociedade, por fim, sendo transformado em um hospício (Mijolla, 2005, p. 1668-1669). "Lá viviam mulheres devassas, convulsivas, criminosas, portadoras de doenças venéreas, grávidas, indigentes, velhas, vadias, mendigas, caducas, epilépticas, aleijadas, disformes, incorrigíveis e loucas" (Gomes & Coelho Júnior, 2021), ou seja, todas aquelas que não foram "domadas", as incorrigíveis, loucas, que não estavam devidamente encaixadas no padrão esperado para "A Mulher" (Didi-Huberman, 2015, p. 34). Estabelecendo-se, assim, duas formas de ser mulher: um lado se relaciona a maternidade, ao lar e ao pudor, tidos como naturais; e outro da crueldade, loucura e histeria (Duby, Perrot, 1995, p. 14).

Paradoxalmente, para cumprir as exigências e demandas que seriam naturais à mulher, ela deveria ter sua natureza domada (Kehl, 2016, p. 40), a mulher deveria ter disciplina e, caso não utilizasse de sua sexualidade apenas para reprodução, estaria entregue a doenças como melancolia, loucura e ninfomania; doenças assim tinham a ver com a presença do demônio e diretamente relacionadas à genitália feminina, sendo a gravidez a resposta para o adoecimento; esses

argumentos abriram espaço para que os homens construíssem o saber enviesado sobre o corpo da mulher (Del Priori, 2018, p. 84).

Pinel, pioneiro no tratamento de doentes mentais, apesar de promover um movimento que desacorrentaria as pessoas nos hospícios, com medidas que os liberavam da contenção (Murano, 2018, p. 19; Mijolla, 2005, p. 1669), desenvolveu o Hospital da Salpêtrière com a lógica asilar, considerando o supervisor algo como um "chefe de polícia", mantendo o isolamento da loucura, associando-o ao tratamento e cura. Entretanto, a loucura mudava de forma, a histeria nunca se manteve completamente curada. Pinel permitiu que estas mulheres tivessem uma ilusão de liberdade dentro das prisões de Salpêtrière, gerando uma dívida amorosa, sobre a qual ele pôde manipular a loucura (Didi-Huberman, 2015, p. 23-27).

Charcot, outro nome importante na história da histeria, foi o diretor do Hospital da Salpêtrière de Paris (Borossa, 2005, p. 18), como o próprio Freud disse em uma conferência (1893/1976), os avanços e conhecimentos modernos acerca da histeria partiram dele. Pelo fascínio que Charcot desenvolvera pela histeria, dedicou seu hospital à pesquisas, objetivando defini-la, descrever os sintomas e propôs um tratamento de sugestões (Maurano, 2018, p. 19). Entretanto, focou nos estudos biomédicos, determinando como uma doença do sistema nervoso com origens hereditárias, e que seria desencadeada por uma ocorrência física, como um acidente (Borossa, 2005, p. 18-19).

Freud afirma que Charcot obteve êxito em suas pesquisas, conseguindo provar que a histeria não se tratava de uma simulação, ou de uma simples não obediência às normas (Freud, 1893/1976, p. 39). Didi-Huberman (2015, p. 27) afirma que a estratégia de Charcot de um suposto deixar ser, dar permissão para que o outro fale, fora acompanhado de uma resposta interpretativa, a histérica podia se comunicar, mas não era ouvida, tinha histórias para contar, mas suas falas eram contabilizadas em mais um sintoma (Borossa, 2005, p. 22). Didi-Huberman ainda afirma que:

> A histeria, em todos os momentos de sua história, foi uma dor forçada a ser inventada, como espetáculo e como imagem; chegou até a inventar a si mesma (sua imposição era sua essência), quando fraquejou o talento dos fabricantes patenteados da Histeria. Uma invenção: um evento dos significantes (Didi-Huberman, 2015, p. 21).

A cada novo sintoma, Charcot mandava construir um novo setor no hospital, para que pudesse observar e descrever ao máximo, o que Didi-Huberman (2015, p. 220) denominou como "pulsão escópica" esse desejo de observação, sendo as histéricas apenas objetos de sua pesquisa,

usadas para fins acadêmicos. As mulheres do Salpêtrière, tendo seu sofrimento invisibilizado pelos médicos, não eram vistas, mas objetificadas (Greggio, Jorge, 2021). Tal era o desejo de Charcot por observar, que sua célebre frase "A teoria é algo bom, mas não impede que as coisas existam" (Freud, 1893/2023) demonstrava o seu anseio para que a histeria de fato existisse (Didi-Huberman, 2015, 129).

O hospital parisiense se tornou referência em estudos e tratamento da histeria, ou, nas palavras de Didi-Huberman (2015, p. 30, 77, 234), "constituiu-se na Salpêtrière algo como uma grande máquina óptica" para se observar a histeria, na qual "posavam" para o museu criado para suas fotos, para a dor retratada nas imagens, transformando a fábrica de pólvora em uma fábrica e imagens. Sigmund Freud ingressou no campo de estudo da histeria com Charcot, sendo essa passagem um dos momentos inaugurais para o desenvolvimento de sua teoria psicanalítica (Maurano, 2018, p. 20).

Confundiu e inspirou muitos médicos no decorrer de seu desenvolvimento, entretanto, não foi um termo que surgiu com Freud como muitos imaginam, mas já era usado há mais de dois mil anos referindo-se à doenças no útero, *hystera*[12]. É frequentemente explicada como uma tendência do paciente em mentir e manipular, seduzir, apresentação de comportamento inadequado, ou até possessão demoníaca (Borossa, 2005, p. 5-6), sendo esta última definição encontrada de forma mais evidente na Idade Média, culminando na supracitada caça às bruxas; os sintomas foram reconhecidos como fenômenos histéricos apenas por volta do século XIX, com Charcot (Maurano, 2018, p. 18).

Atraindo desconfianças, a histeria não era facilmente entendida, especialmente no período das luzes, em que a racionalidade era central nos discursos franceses (Maurano, 2018, p. 19), mas era vista de modo que os médicos buscavam "desmascará-las", descobrindo suas farsas sintomatológicas (Didi-Huberman, 2015, p. 128-129). Nos estudos de Charcot, a histeria era apresentada como uma patologia da representação, em que a histérica sofreria por uma representação psíquica de afeto (Nasio, 1991, p. 25).

A histérica também era descrita pelo desejo de ser vista, pelas "algazarras de bordel", pelo que diziam frequentemente estarem relacionadas às genitais, algo que não era dito ou discutido pelos médicos (Greggio, Jorge, 2021), mas o desejo era "posto em cena", e os médicos caçando

[12] Maurano (2018, p. 17-18) afirma que a causa de muitas enfermidades era relacionada à matriz (útero), como "ansiedade, angústia, tonteira, vômito, desmaios, enxaqueca, perda da fala, analgesias", sintomas que muito se aproximam dos discutidos sobre a histeria em Freud.

seus desejos, “se embriagando com a própria mentira das histéricas” (Didi-Huberman, 2015, p. 278).

Borossa (2005, p. 15) afirma que a sintomatologia histérica se tornou um discurso popular caracterizado pelo excesso de gesticulações, demonstração de emoções tidas como impróprias e até mesmo rejeição de relações sexuais. Além de tudo, a histeria se tornou um espetáculo, o médico passa a ser um espectador, como um artista, da dor e sofrimento que os sintomas causavam, como pontua Didi-Huberman (2015, p. 22), que diz ser quase possível considerá-la pertencente à história da arte, assim como a afirmação de Foucault (1972, p. 310-311) de que estaria mais associada à uma imagem do que uma doença, indicando como essas representações carregam um peso simbólico.

Foucault (1972, p. 307-310) apresenta que a histeria era definida como uma convulsão, ou efeito de um calor interno, mas posteriormente começara uma discussão entre os médicos sobre a semelhança com os sintomas da hipocondria, sendo estas doenças do espírito, e, no final do século VXIII, foram consideradas doenças mentais. Foi tradicionalmente considerada um distúrbio propriamente feminino, apesar de poder ser desencadeada em homens, mesmo que não houvesse uma causa objetiva para seu surgimento (Borossa, 2005, p. 7). Para Freud, a histeria não era apenas uma patologia, mas uma forma de estar no mundo, uma maneira de se relacionar com o outro, uma defesa psíquica ao se deparar com a falta (Maurano, 2018, p. 15).

Um aspecto fundamental é que se manifesta no corpo, com sintomas de sufocamento, acessos dramáticos, incapacidade de falar, aparentemente sem motivo (Borossa, 2005, p. 7). Freud (1893/2016) acrescenta os sintomas com ataques epiléticos, vômitos e anorexia, distúrbios e alucinações visuais, apresentando que a evolução para um quadro grave passaria por um estado hipnoide. Entretanto, ao contrário de seus contemporâneos, que reduziam a dor psíquica à farsa e teatralidade, Freud adentrou o campo da histeria com outro ponto de vista, buscando acolher os sintomas (Maurano, 2018), a histeria não é uma patologia, mas uma forma patológica de se relacionar com a partir de suas fantasias inconscientes (Nasio, 1991, p. 15).

Ao apresentar a histeria, Freud (1893/1974, p. 53), indica que a ocorrência de um trauma severo ou uma supressão trabalhosa, como exemplo afetos sexuais, são predisposições para a histeria. Geralmente é associada a acontecimentos traumáticos[13] da infância que produzem efeitos,

[13] Freud (1893/1974, p. 46) definiu todas as vivências que provoquem afetos de angústia, vergonha e dor psíquica como vivências traumáticas. O trauma causa desorganização psíquica, causando um acúmulo de excitação, sendo o da histeria referente à “ausência de descarga” dessa excitação (Mijolla, 2005, p. 1930).

mais ou menos graves, no decorrer dos anos, entretanto, como Freud apresenta em *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*:

> O que está em questão é que muitas vezes alguma experiência que o paciente não gosta de discutir, mas, principalmente, porque ele é verdadeiramente incapaz de recordá-la e frequentemente nada desconfia da conexão causal entre o fato desencadeante e o fenômeno patológico (Freud, 1893/1974, p. 43).

Ainda sobre experiências traumáticas, Freud (1893/1974, p. 50) indica que sua natureza é a não-reação, podendo acontecer por não haver o que fazer, pelas circunstâncias não permitirem uma reação, ou por preferir esquecer; a impossibilidade de reagir diante da vivência traumática se apresenta enquanto um fundamento dos fenômenos histéricos. Freud indica nesse mesmo texto, que a histeria não é determinada apenas pelo conteúdo, mas pelo estado psíquico do sujeito durante o ocorrido, ou seja, o estado psíquico do sujeito o impediria de reagir, sendo a reação reprimida, a lembrança permanece vinculada à emoção sentida (Freud, 1893/1974, p. 49). Pelo fascínio de Freud pelo "não dito" que desenvolvera sua teoria sobre a neurose e a relação com a sexualidade (Greggio, Jorge, 2021).

Posteriormente, em *Três ensaios sobre a sexualidade*, de 1905, (Freud, 1905/2016, p. 142) apresenta que são as repressões sexuais na puberdade que concluem que as mulheres teriam uma maior propensão à neurose histérica. O psicanalista também apresenta que a inibição da sexualidade ocorre antes na menina (Freud, 1905/2016, p. 138), e que enquanto a puberdade se apresenta como uma manifestação libidinal masculina, é o momento de maior repressão na mulher(Freud, 1905/2016, p. 141). Anos antes, ao apontar características do desenvolvimento da histeria, Breuer discute o fato de que as mulheres solteiras teriam uma tendência a desviar das questões sexuais por uma mistura de ansiedade e temor (Freud, 1893-1895/1974, p. 303).

Nessa crise da feminilidade e cobranças de regras subjetivas, foi produzida a histeria como forma de poder expressar o sofrimento psíquico diante das cobranças tradicionais em desacordo com os desejos destas; o sintoma físico e as conversões histéricas são a forma de manifestar seu desagrado de forma que sejam validadas e ouvidas (Kehl, 2016, p. 152). O histérico é alguém que tem medo de um perigo eminente, um medo sem imagem certa, ou seja, o medo de vivenciar o gozo, da realização do desejo (Nasio, 1991, p. 15).

A discussão sobre a diferença entre os gêneros, é algo frequentemente discutido entre filósofos (Perrot, 2005, p. 470), entretanto, as diferenças passaram a ser enfatizadas no século

XVIII, quando as diferenças físicas passam a justificar as desigualdades sociais (Zanello, 2022, p. 32, 34). Em seu texto *A dissolução do Complexo de Édipo* (Freud, 1924/2011, p. 184-186), Freud busca trazer essa diferenciação na infância, postulando a descoberta dos genitais pelas crianças, onde o genital feminino ainda não foi descoberto em primeiro momento, apenas o masculino. A descoberta se dá, de acordo com Freud, pela manipulação do genital, o que é recriminado pelos adultos, iniciando a ameaça de perder o órgão, a ameaça da castração; na menina, a castração já é dada; com isso, Freud indica a genital como um destino para a vivência psíquica (1924/2011, p. 188).

Ao falar sobre esse processo para a menina, Freud descreve como sendo um material "obscuro e insuficiente" (Freud, 1924/2011, p. 188), nessa perspectiva, o genital feminino ocupa o lugar do menos um, desconhecido, misterioso (Kehl, 2016, p. 163), um indício das heranças da psicanálise dos pensamentos da medicina da época, quando o corpo feminino, especialmente as genitais e funcionamento sexual, eram desconhecidos e pouco explorados, não havendo menção ao prazer feminino, que era proibido pela Igreja e sinal de impureza (Del Priori, 2018, p. 88- 110; Araújo, 2018, p. 45-46).

A menina constata que não irá desenvolver um pênis, ferindo sua idealização do "complexo de masculinidade", entende a ausência do órgão como se já houvesse ocorrido a castração, e não como uma característica sexual; naturalmente a mulher já estaria castigada e silenciada pela castração, sujeitando-se àquele que possui o falo, na tentativa de conseguir algo que substitua sua falta, uma expressão de poder socialmente aceito, um filho do pai, como a maternidade (Freud,1924/2011, p. 189). O sentimento de inferioridade vem dessa ausência, do reconhecimento da ferida narcísica de não ter (Freud, 1925/2011, p. 263).

Nem sempre encontrar-se a "causa" da histeria, busca-se resolver os efeitos, entretanto, uma dor psíquica ainda se mantém, mas agora a dor da lembrança consciente, "os histéricos sofrem principalmente de reminiscências" (Freud, 1893/1974, p. 48). Breuer (1974) afirmou em suas *Considerações Teóricas* que, dentre as pessoas que viriam a desenvolver histeria, estão moças que, em segredo, estudam a noite algo que seus pais proíbem por temer que se esforcem demais, dizendo que:

> Sua vivacidade e inquietude, seu anseio de sensações e atividade mental, sua intolerância à monotonia e ao tédio, podem ser assim formulados: encontram-se entre aquelas pessoas cujo sistema nervoso, enquanto em liberdade, libera excesso de excitação que exige que dele se faça uso (Breuer, 1893-1895/1974, p. 297).

Ou seja, a histeria parte de um excesso de pulsão[14] para a qual não se pode dar um destino, resultado do recalcamento da sexualidade, que se torna, na verdade, uma pulsão que busca retornar à consciência (Bollas, 2000, p. 7). Borossa (2005, p. 12) apresenta que há indícios anteriores de sintomatologias que se assemelham às questões psicológicas da histeria, especialmente no que se diz respeito à insatisfação (na maioria das vezes, sexual), e a manutenção dessa fantasia tem função de proteger o sujeito do medo que sente da realização do desejo, havendo uma divisão entre a parte genital, com inibições sexuais, e um corpo não-genital erotizado (Nasio, 1991,p. 14, 16).

Borossa (2005, p. 17) fala que havia recomendações médicas para que os pacientes intensificassem suas atividades sexuais, ou de tratamento com o magnetismo[15]como também é possível ver no texto de Del Priore (2018, p. 95) em que a autora apresenta que era de costume dos médicos recomendar pedra ímã ou galbano para "manter a madre em seu respectivo lugar" para que não subisse à garganta sufocando a doente. A histeria é, portanto, uma defesa contra o gozo intolerável e inconsciente (Nasio, 1991, p. 21).

O caso da "Srta. Anna O.", relatado pelo dr. Breuer (Breuer,1893-1895/1974, p. 63) expressa essa falta de destino para as pulsões quando ele pontua que Anna O. possuía uma "vitalidade intelectual transbordante", entretanto, vivia de forma monótona com uma família puritana, características consideradas relevantes, pelo doutor, para o desenvolvimento da histeria. Anna O. estava ávida por poder se expressar, por poder mostrar, para além de sua bondade e compaixão, sua maldade, indolência, seu "Eu mau", então quanto mais falava (o que denominou *talking cure*) podia voltar a expressar seu "verdadeiro caráter", quando, ao que parece, tudo faz parte do Eu, mas nem tudo estava socialmente aceitável (Breuer, 1974, p. 34, 57).

Em seu texto *A sexualidade na etiologia das neuroses* Freud conclui que fatores sexuais tem uma importante significação enquanto causa das neuroses (1898/2023, p. 131). A relação com a sexualidade, ou a falta de expressão sexual, e os impasses com o feminino se apresenta de forma bem característica no caso Dora (Maurano, 2018, p. 22). Entretanto, o conteúdo sexual da histeria não tem a ver com conteúdo pornográfico, mas de fantasias sensuais, em que a sexualidade não é genital (Nasio, 1991, p. 17). Uma palavra frequentemente relacionada à histeria é o amor, ou

---

[14] Freud, em seu texto "As pulsões e seus destinos" (1915/2013, p. 29) define a pulsão como uma força constante, funcionando como um estimulador, a palavra usada, *Trieb*, vem de *Treiben*, que tem a significação "pôr em movimento" (Mijolla, 2005, p. 1513).

[15] Terapia introduzida por Franz Anton Mesmer, no século XVIII, que entendia que a saúde era devida à circulação de um líquido magnético pelo corpo, e que a interrupção desse líquido causaria as doenças (Borossa, 2005, p. 17).

sexualidade, ou melhor, o excesso dele, o transbordamento do amor (Foucault, 1972, p. 311; Didi-Huberman, 2015, p. 27).

Martinez e Neto (2007) afirmam que a histeria estaria marcada, segundo seu levantamento bibliográfico, em três blocos de significação, sendo eles as perdas, defesa e a contrariedade, que relacionam posteriormente com a insatisfação e a tristeza. Quando Nasio (1991, p. 15-16) afirma que o histérico sente um perigo que não tem definição, o medo da realização do desejo, o medo de gozar; entende-se por que, na sociedade patriarcal, a mulher tem uma maior tendência ao desenvolvimento da histeria, uma série de significantes convenientes para a manutenção de um sistema opressor.

Capítulo 3: Gênero e as violências visíveis e invisíveis

A História, sendo uma ciência, se apropria dos conhecimentos sobre o passado, buscando compreender esses acontecimentos, utilizando-se de todo tipo de documento para que possa oferecer uma interpretação coerente e mais segura sobre seu objeto de estudo (Guarinello, 2013). Tendo as mulheres como objeto, necessariamente deve ser "plural, multiforme e multidisciplinar", não podendo haver divisões entre as áreas do conhecimento (Perrot, 2005, p. 469). Entretanto, como oferecer uma interpretação segura se apenas um dos lados - o do homem - teve oportunidade de contar a História? O passado das mulheres, como afirma Perrot (2005, p. 9)"é um oceano de silêncio", "uma sombra" evidenciada pela falta de documentos e arquivos sobre a vida das mulheres (Perrot, 2005, p. 33).

Atualmente, há uma ideia sendo discutida de que não há uma identidade cultural que seja natural, mas são desenvolvidas e adquiridas no decorrer da história (Guarinello, 2023, p. 6), ou seja, a cultura é criada. As definições e estereótipos, portanto, são estabelecidos de acordo com a necessidade e conveniência da sociedade patriarcal, onde podemos notar que o discurso a respeito das bruxas inicialmente era o de serem mulheres muito "pragmáticas, empíricas e imorais", mas depois a grande questão sobre as mulheres era sua suposta falta de cientificidade, sua delicadeza e sentimentalismo (Ehrenreich, English, 1972, p. 24).

Os gêneros são parte do que humaniza os seres humanos dentro de determinada cultura, entretanto, há punições sociais caso o indivíduo não atue segundo o que a cultura determina (Butler, 1988). A sociedade enquadra o corpo enquanto sexuado e alvo de princípios e visões de acordo com a cultura, determinados e outorgados por quem domina, construída a partir do enfoque em diferenças, orientada de forma que ignore as semelhanças (Bourdieu, 2012, p. 18-23).

Zanello (2022, p. 28-32) apresenta que as questões de gênero são, na verdade, uma questão de percepção e foco, apresentando que, no início, a medicina buscava as semelhanças entre os corpos femininos e masculinos, representando inclusive os aparelhos reprodutores de forma semelhante, onde afirmavam que a mulher seria "um homem que não se desenvolveu por completo". Foi apenas a partir do século XVIII que o enfoque passou a ser dado nas diferenças; a própria psicanálise, ao explicar a diferença entre os sexos, produz um saber contribuindo para esse enfoque (Perrot, 2005, p. 468). O que interessa, portanto, não é diferenciação sexual, mas as significações que partem dela (Lauretis, 1994, p. 207).

Gênero é uma construção social desenvolvida a partir das diferenças biológicas, e o significante associado às mulheres é a função de reprodução e vida doméstica, cuidado, maternidade, e a ideia de que não lhes caberia o exercício da cidadania; o homem teria a representação oposta, sendo desonroso que possua quaisquer características do feminino (Zanello, 2022, p. 24; Perrot, 2005, p. 470; Bourdieu, 2012). Essa perspectiva foi endossada e normatizada pela chamada Medicina Alienista[16], que estigmatizou os comportamentos e silenciou as falas das mulheres política, intelectual e artisticamente, exercendo poder e vigilância sobre os corpos(Sousa, Senna & Medeiros, 2023), ou seja, silenciou sua existência social.

Essa relação de assimetria entre homens e mulheres teve um fortalecimento no século XVIII, em que o patriarcado moderno passou a apresentar argumentos biológicos para seus discursos, naturalizando a ideologia de que as mulheres seriam passivas e os homens ativos (Del Priore, 2020). É a partir desse princípio que se desenvolve uma relação social de dominação, e essa construção se completa em uma transformação social dos corpos e da psique; a relação de dominação foi construída e reproduzida historicamente, em que aqueles que dominam moldam as formas de se relacionar e estabelecem como naturais (Bourdieu, 2012, p. 32-33, 46).

O capitalismo trouxe a possibilidade das mudanças sociais, mas as mulheres não foram incluídas nesse processo, as diferenças físicas foram justificativas para as mudanças sociais, para as desigualdades (Zanello, 2022, p. 33-34). As mulheres foram excluídas do exercício do direito de cidadania, consideradas cidadãs passivas como as crianças, os pobres e os estrangeiros (Perrot, 2005, p. 329), tiveram seu mundo limitado aos espaços privados, confinada ao silencio (Bourdieu, 2012, p. 41). Foram posicionadas estrategicamente para que não pudessem cobrar seus direitos, apenas acatassem o que foi escolhido por elas, para não poderem opinar sobre as leis e sua própria proteção. “Toda reorganização política é acompanhada de uma redefinição das identidades sexuais” (Perrot, 2005, p. 470).

Judith Butler (2003) afirma que “a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres”, a linguagem legitima e oferece visibilidade ao que quer ser disseminado. Dá-se nome a coisa, e passa a ser interpretada de uma determinada maneira. A discussão não é a respeito das diferenças sexuais e biológicas, mas sobre porque as diferenciações de gênero se desenvolveram de determinada

[16] A Medicina Alienista, o termo alienismo, surgiu na França, entre os séculos XVIII e XIX. Se refere ao tratamento da “alienação mental”, ou seja, a especialidade psiquiátrica (Sousa, Senna e Medeiros, 2023).

maneira que justifique maior ou menor prestígio social (Butler, 1988; Zanello, 2022, p. 27), entendendo que não há nada na natureza feminina que "justifique nossa servidão" (Ehrenreich, English, 1972, p. 24).

3.1. De bruxa à histérica

Em seu texto *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim*, Freud escreve sobre a relação que há entre a bruxa e a histérica ao afirmar que

> é quase certo que uma mulher histérica haveria de ser tratada como simuladoras, como também, em séculos anteriores, certamente seria julgada e condenada como feiticeira ou possessa pelo demônio [...]. A Idade Média estava familiarizada precisamente com os estigmas da histeria, seus sinais somáticos, e os interpretava e utilizava à sua própria maneira (Freud, 1886/1977, p. 42).

A complexidade e detalhes dos fatos históricos inspiraram a organização de uma tabela acerca da violência visível e invisível que revelava-se nos discursos e práticas diante da bruxa e da histérica.

Tabela 1 - Comparação entre as concepções acerca da bruxa e da histérica.

Tema	Bruxa	Histérica
I.Prevalência	"Essa perfídia é encontrada mais em mulheres do que em homens" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão VI, 1484, p. 115).	"As moças que se aproximam da idade adulta – e são elas as mais atingidas" (Freud, 1893-1895/1974).
II.Descredibilidade	"Mentirosas por natureza" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão VI, 1484, p. 119).	"Mentirosas", "simuladoras" (Freud, 1896/1977, p. 42; Borossa, 2005, p. 5).
	Criminosas e hereges	Loucas, perda da razão e da moral
III.Sexualidade	"Entregar-se a toda sorte de atos carnais" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão II, 1484, p. 76).	O sintoma histérico enquanto efeito de repressão, sedução ou fantasia sexual (Freud, 1898/2023, p. 131; Freud, 1905/2016, p. 226; Nasio, 1991, p. 14).

IV.Teatralidade	"com sua doce melodia seduzem os que lhes aproximam" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão VI, 1484, p. 119)	"o poder de sedução [..] tem atraído o epíteto de 'histérico'" (Borossa, 2005, p. 6)
V.Espetáculo	Queimadas publicamente em fogueiras e torturadas em tribunais até confessarem (*Malleus maleficarum*, Parte I Questão I, p. 54; Parte 1, Questão I, p. 53).	Médicos e fotógrafos enquanto espectadores e, muitas vezes, provocadores da histeria (Didi-Huberman, 2015, p. 22).
VI.Inferioridade	"é mais encontradiça nas pessoas do sexo frágil e não em homens" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão VI, 1484, p. 111) "houve falha na formação" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão 6, p. 116)	Naturalmente castrada, assujeitada a quem obtém o falo (Freud, 1924/2011, p. 189)

Fonte: autoria própria

Item I: Prevalência. O Manual de Kramer, Sprenguer, disseminado entre os letrados, serviu para que todos supostamente pudessem reconhecer uma bruxa (Mainka, 2002), bem como Charcot, com sua fábrica de imagens e relatórios descrevendo a histeria proporcionou um novo manual sobre as mulheres. Interessante observar que, tanto na bruxaria quanto na histeria, há uma suposta tendência de ocorrência em mulheres: "Porém, como nos nossos tempos essa perfídia é mais encontrada em mulheres do que em homens, conforme nos ensina a experiência" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão VI,1484, p. 115). "As moças que se aproximam da idade adulta – e são elas as mais atingidas [...]" (Freud, 1893-1895/1974).

O Tribunal do Santo Ofício, por exemplo, teve seu auge em um momento de mudanças políticas e econômicas, restituindo leis e costumes sociais que afastavam as mulheres da esfera pública, sendo a Inquisição mais um artifício de retirada da mulher do cenário social. Pode-se dizer

que a caça às bruxas ocorreu por um medo das mudanças, uma tentativa de recuperar e manter o poder e controle [dos homens] (Freire, Sobrinho e Conceição, 2006). A mulher foi estigmatizada e culpada por todos os pecados, perseguida por saber, e os homens, por sua vez, temiam a sabedoria.

Freud discute a respeito do não reconhecimento dos médicos sobre a histeria masculina, apesar da incidência de casos (Freud, 1886/1977, p. 43), tradicionalmente, considerada um "sintoma de ser mulher", doença do útero que é representada no próprio nome (Sousa, Senna e Medeiros, 2023). Perrot (2005, p. 473) afirma que "as categorias socialmente dominadas têm tendência de reafirmar sua identidade pelo viés da virilidade e da submissão das mulheres", o que pôde ser notado nas perseguições dos inquisidores e na satisfação dos médicos.

Item II: Descredibilidade. Outro artificio de silenciamento usado tanto na inquisição quanto com as histéricas é o descrédito de suas falas. As mulheres foram postuladas pelos inquisidores como "mentirosas por natureza [...] que com seu doce melodia seduzem os que lhes aproximam e os matam" (*Malleus maleficarum*, 1484, p. 119) e "possuidoras de língua traiçoeira" (*Malleus maleficarum*, p. 114), assim como as histéricas eram alvos de desconfiança (Maurano, 2018, p. 19) e acusadas de simuladoras (Freud, 1896/1977, p. 42), sedutoras e mentirosas (Borossa, 2005, p. 5-6). Afinal, quem as validaria se fossem tidas como insanas?

Item III: Sexualidade. A sexualidade feminina foi um alvo durante os eventos discutidos no presente estudo. Quanto à sintomatologia histérica, é caracterizada em seu transbordamento, o excesso, as "algazarras de bordel" (Foucault, 1972, p. 311; Didi-Huberman, 2015, p. 27; Greggio, Jorge, 2021), ou, como afirmam os inquisidores, "seja na bondade, seja no vicio, [as mulheres] não conhecem moderação" (*Malleus maleficarum*, 1484, p. 112). A histeria surge, então, do recalcamento da sexualidade (Bollas, 2000, p. 7), a falta de expressão sexual (Maurano 2018, p. 22), em contrapartida, os homens têm liberdade libidinal (Freud, 1905, /2016, p. 142).

A conotação sexual dos sintomas histéricos concentrou na figura da mulher a condenação e injuria, e assim a figura da bruxa foi sobreposta a da histérica (Borossa, 2005, p. 13-14). A mulher que falava sobre questões sexuais ou que tinham qualquer conhecimento sobre isso eram consideradas impróprias (Freud, 1905/2016, p. 226). No Brasil, há alguns anos, a lei previa penas mais graves para crimes de estupro à "mulher honesta", ou seja, aquela cuja sexualidade era controlada (Kelmer, Silva, 2021).

Não foi diferente na inquisição. A relação entre a mulher e a sexualidade fora evidenciada e condenada, principalmente no que se refere às práticas sexuais com demônios como fonte de seus

poderes (Ehrenreich, English, 1972, p. 6; *Malleus maleficarum*, 1484, p. 76). A sexualidade não era evidenciada como característica da bruxaria até o século XIV, mas foi uma característica atribuída posteriormente (Levack, 2004, p. 39). A bruxaria é estabelecida pela vontade *(Malleus maleficarum*, 1484, p. 94), ou seja, pelo desejo, e a mulher relacionada à "lascívia da carne" (*Malleus maleficarum,*1484, p. 114).

Item IV: Teatralidade. Tudo isso, segundo Kramer e Sprenger (*Malleus maleficarum*, 1484, p. 115-120) ocorreu por conta da "primeira mulher sedutora", Eva, que seduziu Adão para pecar, induzindo-o à perdição, e, como sereias, os seduzem para a indisciplina, seu vício natural. As mais contaminadas, segundo os inquisidores, seriam as sujeitadas à ambição e luxúria, em que, no seu andar e postura, seria possível notar a vaidade. A mulher foi treinada para prever os desejos do homem, a chamada "intuição feminina" se deve a atenção e vigilância constante que precisa dispensar para que possa ser uma mulher exemplar e, quando a mulher se posiciona enquanto uma representação dominante, frequentemente é vista como maléfica (Bourdieu, 2012, p. 42- 43).

Item V: Espetáculo. As áreas da ciência, como a medicina, especialmente se tratando da psiquiatria e psicanálise, determinaram padrões estigmatizantes sobre a mulher que definiriam os padrões acerca da feminilidade (Sousa, Senna e Medeiros, 2023). O hospital da Salpêtrière, por exemplo, referência em estudos e tratamento da histeria, era, na verdade, "uma grande máquina óptica" para se observar a histeria, com uma ala no hospital dedicada a fotografia das mulheres, uma fábrica de imagens (Didi-Huberman, 2015, p. 30, 77, 234), onde quem não quisesse ser musa inspiradora, era julgada (Sousa, Senna & Medeiros, 2023).

Interessante notar que as mulheres do Salpêtrière tinham características muito próximas às mulheres condenadas pela inquisição: devassas, vadias, adúlteras, fornicadoras, incorrigíveis (Gomes e Coelho Júnior, 2021; *Malleus maleficarum*, 1484, p. 120), e todas foram colocadas em palcos de crueldade e misoginia, onde são manipuladas da forma que melhor convêm aos homens, sejam eles inquisidores ou médicos. O desejo de observar o sofrimento feminino, tanto sendo torturadas em tribunais e queimadas em fogueiras, quanto fotografadas em um momento de angústia marcaram esses períodos. A fogueira fora o tratamento que a Igreja impôs para essas mulheres, assim como a hipnose para as histéricas, a manipulação e imposição objetificaram essas mulheres. (Maurano, 2018, p. 18).

Em ambos os momentos, o sofrimento das mulheres foram transformados em espetáculos. A bruxa não era simplesmente julgada, mas era queimada em uma fogueira em praça pública, tendo

ainda um julgamento no tribunal (clérigo e secular) e torturas para que confessassem. A histérica, entregue nas mãos dos médicos, seguiam de acordo com as sugestões e hipnoses, Charcot, por meio das sugestões, as faziam reproduzir os sintomas na frente de outros médicos ávidos por observar de perto suas conversões histéricas, assim como fotógrafos para registrar a cena de cada sintoma (Freud, 1893/1976, p. 40-41; Didi-Huberman, 2015, p. 22, 220).

Item VI: Inferioridade. A objetificação da mulher fora tão extrema que não a chamavam pelos nomes, mas se tornaram "a bruxa" ou "a histérica", uma situação ainda se mantém nos dias atuais. Em todo momento foi reforçada a inferioridade da mulher "por serem mais fracas de mente e corpo" (*Malleus maleficarum*, 1484, p. 115), o que foi reforçado pela psicanálise que contribuiu, nesse ponto, para manutenção da ideia socialmente compartilhada sobre a mulher não possuir poder ao afirmar que menina aceita a castração com uma postura passiva e inferiorizada, tendo sua construção de eu marcada pela ausência, pela falta, por não ter e não poder (Kehl, 2016, p. 159) e, por isso, a menina teria inveja do pênis (Freud, 1925/2011, p. 261), tendo a genital como um destino para a vivência psíquica (Freud, 1924/2011, p. 188).

Kehl (2016, p. 165) discute a questão do pênis enquanto falo, afirmando que essa posição é válida quando esse genital é o objeto de desejo, concluindo que "não basta ter um pênis para ter um falo, o que deveria lançar o menino, na teoria psicanalítica, a uma condição tão incerta quanto a da menina", podendo entender o falo como cultural e mutável. Nesse processo de amadurecimento psíquico, a mulher não se vê temerosa pela castração potencial e não se apresenta tão dividida quanto o homem no que diz respeito às emoções, conhecimento e prazer, o que é ameaçador para o sistema patriarcal, desenvolvendo formas de se proteger controlando e violentando as mulheres, para que essas não se levantem, como se ameaçassem castrá-los de sua posição de poder (Muraro, 2004, p. 10).

3.2. A naturalização da violência

Butler (1988) afirma que os corpos são condicionados em suas possibilidades de acordo com o que é estabelecido pelo contexto cultural e histórico, apresenta o gênero enquanto uma "performance", uma "atuação de uma convenção cultural". Dado isso, é interessante observar que as mulheres, originalmente, eram quem possuíam o "falo", por ser quem poderia gerar e quem estava em uma posição de centralidade na sociedade, podendo-se dizer que havia, originalmente, uma inveja do útero (Muraro, 2004). Kehl (2016) indica, também, que há um impedimento para

que as meninas deixem o complexo de masculinidade e se identifique com o gênero considerado inferior.

Bourdieu (2012) ressalta, ainda, o paradoxo que há nas diferenças percebidas tornarem-se o penhor das significações, trazendo que a cosmovisão é que traz o falo como fundamento, o instituindo como símbolo de masculinidade. Percebe-se, então, que a dominação masculina é construída e naturalizada, condicionando percepções e saberes, e, posicionando as mulheres em uma visão de insanidade, condenadas pelo desejo da liberdade, vista como ameaça pela sociedade patriarcal (Sousa, Senna e Medeiros, 2023). O próprio D. W. Winnicott apresenta, em seu texto *Elementos masculinos e femininos vendidos presentes em homens e mulheres* que "o que é considerado normal depende das expectativas de cada grupo social e do momento histórico" (Winnicott, 1966/2019, p. 129).

Lauretis (1994) apresenta que os sujeitos sociais são constituídos por meio de códigos linguísticos, o conceito de gênero é, portanto, um conjunto de tecnologias sociais, formadas por discursos e práticas. A representação é uma construção social, que se mantém pela mídia, escolas, pelas famílias. O gênero, para a autora, se trata de uma relação social, uma forma de classificação do sujeito dentro de uma cultura, ou seja, ao se falar sobre o tema, é necessário entender que está intimamente ligado a política e economia da sociedade. Pensando o conceito das tecnologias de gênero, das construções sobre o gênero, pode-se notar os impactos dos temas levantados em outros momentos.

Algo bastante simbólico no *Malleus*, é que as mulheres sejam representadas como responsáveis por transformar homens em bestas (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão X, 1484, p. 145), colocando a mulher como responsável inclusive, de fomentar "no pensamento dos homens a paixão desregrada "se o demônio é capaz de mover a consciência interior, move-a projetando-se na faculdade cognitiva, ou a move alterando-a" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão X, 1484, p. 146). Zanello (2022, p. 46-47) pontua filmes usados como tecnologias de gênero, dentre eles, "A Bela e a Fera" (de 1991), em que a protagonista acaba por se apaixonar pela fera e, com muito esforço, o transforma em príncipe, fazendo com que aprendam a ser responsáveis pela fera, ou ainda, se tiverem paciência, poderão transformar seu agressor em um príncipe.

Os inquisidores sustentam o argumento de que "de Todos os Criminosos do Mundo são as Bruxas os que Merecem a Mais Severa Punição". (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão XIV, 1484, p. 173), defendendo que as bruxas seriam capazes de "contaminar a mente dos homens pela

paixão desenfreada por mulheres desconhecidas" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão XVII, 1484, p. 128) discurso que desresponsabiliza o homem pelas suas ações e culpabiliza as mulheres pela "paixão desenfreada" que pode, certamente justificaria um estupro, o que também pode ser visto nos dias atuais, com outras palavras.

O *Malleus* traz que as mulheres se dedicam em sua vaidade para agradar os homens, o que encaixa com o discurso de outro filme citado: "A pequena sereia" (de 1989), em que a personagem principal, Ariel, entrega sua voz a Úrsula, uma bruxa que vive no mar, em troca de ter pernas para viver no mundo dos humanos, e só teria sua voz de volta caso desse um beijo no príncipe. Ao questionar Úrsula de como poderia conquistar alguém sem voz, ela responde "para que voz se você tem quadris?". Além disso, cita uma música cantada no filme que fala sobre as qualidades que um homem busca em uma mulher, que são mulheres retraídas e quietas (Zanello, 2022, p. 45).

Nessas formas de tecnologias de gênero, podemos ver, mesmo que de forma sutil, reflexos do que fora feito às bruxas e às histéricas. As mulheres representadas pela sedução, pela necessidade de atrair o olhar dos homens, tal qual a bruxa e a histérica, e a preferência pelas mulheres silenciosas, que não manifestam suas opiniões. Ou seja, a mulher ideal, controlada e domada, distanciava-se da imagem criada pejorativamente acerca de Eva, pecadora, e se aproximava de Maria, santa (Araújo, 2018, p. 51), ou, como Kramer e Sprenger bem pontuam: "há uma mudança do nome Eva para Ave" (*Malleus maleficarum*, Parte 1, Questão VI, 1484, p. 115). A mulher adquire, consciente ou inconscientemente, a forma que deve se portar, sentar-se ou até prender o cabelo, há uma maneira naturalizada de existir (Bourdieu, 2012, p. 37-38).

Pode-se notar o quanto os veículos de comunicação, como os jornais e mídia televisiva, têm influência nas visões e crenças sobre as relações (Rossi, 2020). É notável que os sintomas histéricos passaram a fazer parte do discurso popular em se tratando de excesso de gesticulações, demonstração de emoções tidas como impróprias e até mesmo rejeição de relações sexuais (Borossa, 2005, p. 15). A pesquisa de Bastos e Alves (2024) mostrou como a histerização feminina busca silenciar as mulheres pelo discurso, ao analisarem matérias de jornais cujos títulos tenham a palavra "histeria", concluíram que o termo é empregado de forma negativa, relacionado ao que é mal, sendo este diretamente associado ao lugar do feminino, onde vinculam a insanidade, e as autoras ainda afirmam que tais discursos são usados para justificar as violências e a submissão feminina.

A análise realizada por Santos (2022) sobre as reportagens acerca da violência contra a

mulher indica descaracterização da vítima, objetificação e desconsideração enquanto sujeito histórico social, algumas ressaltando o fato de estarem sozinhas na rua como fator, além da análise dos comentários nas redes sociais a respeito da notícia em que os homens culpabilizam e responsabilizam as vítimas e naturalizando a violência contra a mulher. Observa-se, ainda, a diferença de tratamento frente ao crime cometido contra mulheres que vivem conforme os padrões sociais e aquelas que não o fazem, colocando comportamento da vítima como determinante.

Ressalta-se, também, que as notícias tendem a posicionar essas ações criminosas como atos passionais, bem como no documentário "Quem matou Eloá" em que o agressor é colocado em posição de desespero e descontrole diante de um término de relacionamento (Rossi, 2019). Tais situações remetem às falas encontradas na primeira parte do *Malleus maleficarum* (1484) de que as mulheres seriam responsáveis por "enfeitiçar a mente dos homens, levando-os a loucura, ao ódio insano" (*Malleus* maleficarum, Questão II, 1484, p. 66), de "mudar o intelecto e a vontade dos homens" (*Malleus maleficarum,* Questão III, 1484, p. 81) "para o amor ou para o ódio" (*Malleus maleficarum,* Questão VII, 1484, p. 122), ressaltando, ainda, que "por causa dos pecados das bruxas, os inocentes são muitas vezes enfeitiçados" (*Malleus maleficarum,* Questão XV, 1484, p. 174), o que vemos nos discursos atuais em que a vítima fez algo que justificasse as ações do agressor.

Nas escritas no decorrer do século XIX também são tomadas notas sobre as mulheres representadas enquanto "mulheres vociferantes, megeras a partir do momento em que abrem a boca, histéricas, assim que começam a gesticular" (Perrot, 2005, p. 33). A mulher é submetida a uma posição em que, para ser aceita e bem-vista, deve ser quieta, retornando à comparação com o filme "A pequena sereia", ter quadris é melhor que ter voz. Tais afirmações pontuadas de forma orgânica em animações criam representações sobre as crianças do "ser mulher" e do que é esperado para mulher, e, nesse ponto, relembra-se o questionamento de Simone de Bouvoir (1970): "o que faz de alguém mulher?"

As mulheres têm, quase como natural, uma dificuldade de se reunir, há, na verdade, uma rivalidade criada sobre as mulheres, em que elas estariam em uma suposta competição entre si sobre quem estaria mais enquadrada nas expectativas sociais (Rico, Accorsi, Rossetto e Lucena, 2020). A "invenção do Sabá" seria uma tentativa de impedir que as mulheres se unissem, que trocassem informações e ensinassem umas às outras, já que "não se abstêm de contar às suas amigas tudo o que aprendem através das artes do mal" (*Malleus maleficarum,* Questão VI, 1484, p. 114). O mesmo pode ser observado no massacre cometido no Salpêtrière, em que as mulheres que se

reuniram foram assassinadas por se reunirem, pela justificativa de que pensavam estarem se rebelando.

A violência contra a mulher, definida pela lei Maria da Penha (Lei Nº 11.340/2006), apresenta diversas formas de violência, entretanto, pesquisa realizada afirma que a maior parte das violências acometidas é a psicológica, partindo do fato de que nem todas são denunciadas e que muitas mulheres nem sequer sabem que estão sendo violentadas (Santos, Leite, Amorim, Maciel e Gigante, 2020). Com isso, Ramos (2022) identifica e escreve sobre a falta de ações judiciais a esse respeito, mesmo com um número expressivo de denúncias, ainda que as denúncias sejam consideradas apenas a ponta do iceberg, já que infere-se que nem todos os casos são notificados (Cerqueira et al., 2023).

Ao pensar questões sociais, foi identificado uma prevalência do abuso sexual por parceiros íntimos, com um percentil maior em mulheres evangélicas, sendo a violência sexual mais difícil de ser identificado pela vítima (Santos, et. Al., 2020). Conveniente criar-se uma revalidade para que as mulheres não conversem e, em caso de violência, não tenham com quem contar.

É concebido pelos homens que o ato sexual é o atestado de sua dominação sobre as mulheres, onde as "possuem", como frequentemente era referido, assim, as mulheres são vistas como posses, meros objetos (Bourdieu, 2012, p. 30). Freud indica que o casamento desenvolve novos traumas sexuais, bem como o que ele chama de "exigências caprichosas" por parte do homem, sobre as quais suas esposas, oprimidas e silenciadas, não podem questionar; no mesmo texto, afirma que é possível que a maioria das histerias graves tenham sido causadas nessas circunstâncias, em que a mulher é objetificada e submetida (Freud, 1893-1895/1974, p. 303).

Ao escrever um capítulo nos livros sobre a História das Mulheres no Brasil, Raminelli (2018, p. 20) assinala práticas das tribos nativas, especialmente no que se refere à mulher; uma situação que chama atenção é a diferença de tratamento entre o homem e a mulher que trai o cônjuge, sendo a mulher passível de ser punida com a morte, enquanto ao homem a mesma regra não é aplicada. Nota-se a estreita semelhança com a lei que previa "legítima defesa da honra", feita pelos homens ditos civilizados, em busca de se proteger das penalidades (Priore, 2020, p. 39-40).

"Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor" (Freud, 1930/ 2011, p. 27). Há perda em deixar o agressor assim como há perda de ficar; este é o objeto amado e é dele que se recebe essa forma distorcida de amor, ou melhor, de afeto. O processo de identificar

tais posicionamentos não é fácil, pois implica em perdas. É vivenciada uma experiência de luto, um luto não autorizado (Casellato, 2018, p. 207)

Apesar da disseminação de ódio e aprisionamento, essa matriz, silenciada, “evoca com seu vazio cavernoso tanto a potência da criação [...] quanto o contato com o estranho, o horrível, o demoníaco, o mutismo do real, que se torna eloquente nas configurações histéricas” (Maurano, 2018, p. 18). Freud (1893/2016) apresenta a cura pela fala, o efeito curativo do escoamento das palavras presas, traz a mulher a tornar-se sujeito de sua história, a contar o que lhe acontece, dá visibilidade ao sofrimento e violência traumática sofrida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito do presente estudo foi analisar alguns marcos históricos enquanto raízes da violência contra a mulher, bem como os discursos que, ainda que indiretamente, se mantém e são naturalizados em nossa sociedade. Buscou-se explorar o tema com reflexões que possam contribuir para a compreensão desse fenômeno social, incentivando ações para combater esse crime, e as posições sociais patriarcais e opressoras.

Em algum momento na história foi determinada, quase como uma convenção, a soberania do homem sobre a mulher (Beauvoir, 1970, p.12), e esse poder não apenas inibe as ações e decisões, como influencia na produção de saberes e educação. Diante disso, estariam, os homens com medo das mulheres? Medo do retorno do que eles buscaram recalcar durante toda a história? Talvez o medo dos espaços e direitos conquistados durante as últimas décadas possam ser uma forma de entender o aumento dos casos de violência e tentativas de silenciamento da mulher (Perrot, 2005, p. 263-267; Kehl, 2016, p. 43).

"O silêncio é um comportamento atravessado pelo gênero", afirma Zanello (2022, p. 46), o que pode ser constatado quando observamos a ausência de mulheres escrevendo sobre suas próprias histórias, ou melhor, ausência de espaços para que isso aconteça. Desde a bruxa que, pobre e analfabeta, não pôde apresentar sua versão acerca desse evento de disseminação de ódio, não permitindo que as vítimas pudessem deixar seu testemunho, tendo, sua história contada pelos seus agressores e assassinos (Ehrenreich, English, 1972, p. 4; Byington, 2004, p. 19). Assim, também, as mulheres histéricas do Salpêtrière, tão silenciadas e ignoradas que passaram a "existir para o outro, ao menos como espetáculo" (Didi-Huberman, 2015, p. 270).

Tal é o silenciamento, que a própria ciência, por muito tempo, entendia a anatomia feminina como um "palco nebuloso", o lugar obscuro, o "menos um", recebendo poucos investimentos e pesquisas, restringindo-se apenas ao que implicava a natureza reprodutiva.

Quando Freud pontua que a castração à menina já é dada (Freud, 1924/2011, p. 189), observa-se, então, a disseminação do discurso de que a mulher é naturalmente silenciada pela castração, sujeitando-se àquele que possui o falo, e a mulher idealizada e boa é aquela que se faz pequena, não mais marcada pela fogueira ou pelas paredes, mas um aprisionamento simbólico garantido pelas roupas que dificultam sua liberdade (Bourdieu, 2012, p. 39). Esse assujeitamento feminino supostamente definido pela anatomia, dificulta o processo para que as mulheres se tornem

sujeitos de suas histórias. É notável a preferência das mulheres por homens mais velhos e mais altos, e a cultura leva a crer que a inversão dessa posição coloca a mulher em uma posição dominante e isso é o que a rebaixa socialmente, ou seja, a posição social da mulher está diretamente relacionada ao homem (Bourdieu, 2012, p. 47-48).

A potência feminina é temida na sociedade patriarcal, ao invés de valorizada. Afinal, a mulher que tem seus desejos, sensações e pensamentos domados (Araújo, 2018, p. 50), não podem pensar por si mesmas, não compartilham o saber, já que não há um saber próprio, sendo assim, como poderiam denunciar? Como poderiam saber o que lhes cabe, se não o que lhes é imposto? É notável a violência simbólica sobre a mulher, através das representações, proibições e posicionamentos impactam no desenvolvimento social e cultural, o que não minimiza a violência física, mas reforça o quanto a violência simbólica contribui para os outros tipos de violência (Bourdieu, 2012, p. 46).

O argumento da fragilidade feminina e dos ideais de gênero foram construídos como uma forma de controle, educando as mulheres e esperando que tenham um comportamento emocional e moral pré-determinado pelo gênero (Kehl, 2016, p. 40-55). Um discurso bastante conveniente para manutenção da sociedade patriarcal, usando do silenciamento como um mecanismo para que as mulheres continuem em uma posição de subordinação aos homens, perpetuando a naturalização e a impunidade dos criminosos pela falta de discussão acerca do assunto e silenciamento das vítimas (Engel, 2020).

As mulheres são posicionadas, estrategicamente, de forma que não se unam, consequentemente não troquem experiências, não pensem, não estudem, não questionem. O *Malleus maleficarum*, de 1484, passou a ser o manual oficial para identificação das bruxas, que estariam possuídas por demônios. Anos mais tarde, século XIX, Charcot, sustentou o discurso de que essas possessões seriam, na verdade sintomas histéricos (Maurano, 2018, p. 18).

Para Foucault (1987) os melhores soldados são aqueles que podem ser manipulados, moldados; nessa perspectiva, a mulher era mais um objeto de controle, uma ferramenta de governo denominada pelo autor enquanto a arte de governar, corpos “dóceis”, condicionados à limitações, proibições e obrigações impostas. O referido texto trata-se de um livro sobre a prisão, entretanto, Goffman (1961/2007) observa que a lógica dos “Manicômios, conventos e prisões” é a mesma. Nos hospícios são despersonificados, descredibilizados, tendo que obedecerão a destino que lhes é imposto (Moffatt, 1986, p. 15); e o que sempre tentaram fazer com as mulheres, seja na fogueira

da inquisição ou nas paredes do Salpêtrière.

Os inquisidores se transformaram em médicos, a fogueira foi substituída pelas paredes. Hoje, o inquisidor e o médico são como parte da cultura, a fogueira e as paredes, transformadas em diversas formas de violência e grades simbólicas. As mulheres não estariam vivendo, ainda, em um Salpêtrière ideológico? Em uma inquisição disfarçada?

Apesar dos avanços desde que as mulheres conquistaram o direito do voto, até os dias atuais, o acesso das mulheres ao poder político sempre foi mais difícil (Perrot, 2005, p. 334). Mesmo a saúde e segurança, bem como o direito de ir e vir, serem direitos fundamentais do ser humano (Lei Nº 8.080/90, art. 2º; Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948), observa-se que as histórias de muitas mulheres são marcadas por discriminação, frustrações e violação dos direitos, o que causa um mal-estar psíquico e físico. Os obstáculos impostos para que haja uma sororidade, implicam em uma dificuldade de lutar pelos direitos, e apenas reafirma o pavor de que a força matricial feminina retorne. Nota-se que os caminhos para a conquista de direitos tem sido minados, continuam dividindo para conquistar.

Os médicos, assim como na época pré-freudiana, passaram a fragmentar a histeria e descrever seus sintomas individualmente, como Transtorno de Sintomas Somáticos, Transtorno Conversivo, Transtorno Factício, entre outros (American Psychiatric Association - APA, 2014), não reconhecendo a histeria enquanto uma estrutura clínica, trazendo assim um retrocesso no que diz respeito aos inúmeros trabalhos de despatologização da histeria, condensando toda uma vivência em comportamentos condicionados (Maurano, 2018, p. 16). Ao invés de auxiliar a análise clínica, passa a ser utilizado como domínio sobre o paciente, como rótulos e possibilitando o uso excessivo de psicofármacos, desconsiderando a subjetividade do sofrimento psíquico (Ribeiro *et al.*, 2020).

A Reforma Psiquiátrica foi um marco propulsor da cidadania, lutando pelos direitos daqueles que eram deixados à margem da sociedade pelo discurso da loucura, ou seja, que ocupavam o lugar do oposto da razão, tão valorizada pela sociedade e usada como critério para aqueles que possam lutar pelos direitos (Barreto, 2005, p. 17-18).O DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) aponta que a prevalência continua sendo em pessoas do sexo feminino sobre transtornos supracitados (APA, 2014). Podendo-se inferir que ainda se faz conveniente para a sociedade manter as mulheres na posição de frágeis, suscetíveis e loucas. Partindo do pressuposto de que todos os neuróticos estariam suscetíveis à todos os tipos de neurose,

inclusive a histeria (Nasio, 1991, p. 122), retornar a essa ideia pré-freudiana da prevalência em mulheres, apresenta o retorno da objetificação e descredibilidade da mulher.

Qual o papel da psicologia nesse cenário? Se mantém como os espectadores de Sapêtrière, observando e catalogando sintomas, caçando histéricas e transtornos no DSM? Os profissionais da saúde mental devem manter-se em reforma, tendo uma percepção crítica sobre a atuação, sendo necessário sempre repensar as práticas, reforçar a atuação ética e dar voz às pessoas, para que se tornem sujeitos de sua própria história.

Sendo a memória social fundamental para a criação de uma identidade coletiva (Guarinello, 2023, p. 6), certamente esses eventos e construções que tanto marcaram a sociedade causam impactos na sociedade atual. Tanto na história das bruxas como nas histéricas é possível observar a crueldade misógina "justificada" pelas descobertas em prol da ciência, mas, nas palavras de Didi-Huberman, (2015, p. 31) "que aura terá sido a 'gota de crueldade' difundida por toda a vontade de conhecer, esse sangue das imagens?". A chamada "caça às bruxas" [e/ou a "caça às histéricas"] foi, na verdade, um evento que mostra o pavor à figura feminina, em busca de anular da sociedade essa "natureza pecaminosa".

Com isso, faz-se necessária a reflexão proposta por Perrot, a situação em que se encontra a luta pelos direitos das mulheres é devida aos "bastões da resistência masculina ou as águas estagnadas da indiferença feminina" (2005, p. 479). Sendo o ser humano marcado pela abertura para ser, de poder se tornar algo diferente a cada momento (Zanello, 2022, p.13) e a cultura viva, essas estruturas podem ser modificadas, cabe à sociedade abalar essas verdades e certezas impostas para que um novo cenário, mais igualitário, seja construído.

A Lei 8.080/90 ainda esclarece no inciso 1º que "garantir a saúde consiste na formulação e execução de políticas econômicas e sociais que visem à redução de riscos de doenças e de outros agravos". O Ministério da Saúde (2004) indica que as políticas de saúde da mulher devem objetivar a criação e ampliação de condições necessárias ao exercício dos direitos da mulher, pelo SUS ou com parcerias, pensando segurança, justiça, trabalho, previdência social e educação. E ainda estabelece, como objetivo específico, promover a atenção às mulheres e adolescentes em situação de violência doméstica e sexual, organizando redes integradas de atenção à mulheres nessa situação e promovendo ações preventivas.

Com os altos índices de ocorrência de violência e poucas políticas públicas e conscientizações sendo executadas, pode-se notar o nível cultural do país que, como afirma Freud

(1930/2011, p. 37), está relacionado com a proteção das pessoas frente às forças da natureza, onde os rios tem seus cursos determinados de acordo com a necessidade, mas na sociedade patriarcal não estende a proteção às mulheres contra as ditas “forças da natureza masculina” que fazem dos homens seres agressivos e impulsivos, e as águas do rio da justiça não estão sendo direcionadas aos lugares que deveria.

Sendo um dos objetivos do SUS “a assistência às pessoas por intermédio de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, com a realização integrada das ações assistenciais e das atividades preventivas” (Lei Nº 8.080/90, art. 5º), faz-se necessário que as questões de gênero sejam levadas em conta ao pensar as ações de saúde, objetivando proporcionar melhores condições de vida para essas mulheres, reforçando e preservando seus direitos (Ministério da Saúde, 2004, p. 59), bem como atuações preventivas com os homens e a escuta qualificada dos agressores.

A violência contra a mulher é, além de uma questão social, um problema de saúde pública e violação de direitos (Organização Pan-Americana de Saúde, 2021), cabe ao SUS (Sistema Único de Saúde) e às secretarias de saúde a elaboração e execução das políticas públicas a fim de prevenir e oferecer suporte às vítimas, bem como escuta de agressores. E atuações que possibilitem as denúncias de forma acessível, isenta de julgamentos e que possa legitimar e acolher essas mulheres integralmente (Santos, 2022).

A atenção básica de saúde é um recurso importante quando se trata de agravos à saúde, incluindo a saúde mental (Sterling, Gonçalves e Haas, 2021), sendo responsável pelo “conjunto de ações de saúde individuais, familiares e coletivas que envolvem promoção, prevenção, proteção, diagnóstico, tratamento, reabilitação, redução de danos, cuidados paliativos e vigilância em saúde” (Portaria Nº 2.436/2017), entendendo saúde em todas as suas facetas, inclusive ambiental (Silva, Pelazza e Souza, 2016). Entende-se, portanto, que o cuidado à vítima deve ser oferecido pela rede de serviços de saúde e na rede intersetorial da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), oferecendo articulação com assistência curativa e preventiva e a promoção de saúde (Machineski, 2023).

Em contrapartida ao dito popular “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”, além Maria da Penha (Lei n° 11.340/ 2006) prevê que a omissão, tanto quanto a ação, baseada em gênero (Art. 5°) também é violência contra a mulher, além de garantir que a família e a sociedade também são responsáveis pelas condições necessárias para que os direitos das mulheres sejam garantidos (Art. 3°, §2°), sendo um dever de todos a luta contra a violência.

Fez-se necessária, para a manutenção do sistema de poder, a invenção da bruxaria, a partir

de uma distorção do cristianismo (Byington, 2004, p. 20), e da histeria (Didi-Huberman, 2015, p. 21), e até hoje é possível notar as invenções e tentativas de silenciar as vozes femininas. Apesar de escancarada, a violência é invisibilizada, amenizada e naturalizada através dos discursos, que carregam as marcas da história. Com o passar de tantos séculos, ainda há aumento de ocorrência de casos a cada ano, um aumento significativo da violência psicológica em detrimento da física, como uma busca por burlar a lei.

O presente trabalho atingiu os objetivos ao detectar diversas formas do silenciamento e naturalização da violência contra a mulher nas conexões históricas entre a bruxaria, a histeria e o mundo contemporâneo, mas não esgotou a problemáticas sobre o tema, podendo despertar mais estudos e ações que visem a construção de uma sociedade mais igualitária, na qual as mulheres tenham mais voz e sejam sujeitos de suas próprias histórias

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Projeto de lei prevê pena de homicídio simples para aborto após 22 semanas de gestação.** Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/1071458-projeto-de-lei-preve-pena-de-homicidio-simples-para-aborto-apos-22-semanas-de-gestacao .Acesso em 26/06/2024.

AMARIJO, Cristiane Lopes *et al.*Violência doméstica contra a mulher na perspectiva dos quatro pilares da educação. **Journal of Nursing and health**, v. 10, n. 1, p. 1-11, jan. 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**, 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. Em **Histórias das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priori (org.). São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 45-77.

BAILEY, Michael D. **Historical Dictionary of Witchcraft**. Maryland: Scarecrow Press, 2003.

BARRETO, Jubel. **O umbigo da reforma psiquiátrica: cidadania e avaliação de qualidade em saúde mental**. Juiz de Fora: Editora UFJR, 2005.

BASÍLIO, Renata de Vasconcelos; MUNER, Luana Comito. Transtornos mentais comuns causados pela violência doméstica em mulheres. **Revista Cathedral**, v. 5, n. 1, p. 36-46, mar. 2023.

BASTOS, Raabe Cesar Moreira; ALVES, Gabriela Santos. O jornalismo simbólico: o uso da palavra “histeria”. **Verum,** v. 4, n. 1**,** p. 1-12, jan./dez.2024

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOLLAS, Christopher. **Hysteria**. São Paulo: Escuta, 2000.

BOROSSA, Júlia. **Conceitos da Psicanálise – Histeria**, v. 17. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Ediouro: São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Lei nº 2848, de 1940. **Código Penal**. Brasília: Senado Federal, 2017.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990.**Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências, Brasília, DF, 1990.

BRASIL. **Lei n º 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Lei Maria da Penha - Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, Brasília, DF, 2006.

BRASIL. **Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011.** Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), Brasília, DF, 2011.

BREUER, Josef. Considerações teóricas. Em **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 2. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

BREUER, Josef. Casos Clínicos: Srta. Anna O. **Em Obras Completas**, v. 2. São Paulo: Companha das Letras, 2016.

BRITO, Cristina Miryam Drumond de. **Rascunhos da Loucura.** São José dos Campos: Univap, 2001.

BUTLER, Judith. Performative Acts and Gender Constiution: An Essay in Phenomenaologyand Feminista Theory. **Theatre Journal**, v. 40, n. 4, p. 519-531, 1988.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BYINGTON, Carlos. Prefácio. Em **O Martelo das Feiticeiras: *Malleus Maleficarum*** (17ª ed.). Heinrich Kramer; James Sprenger, 1430-1505. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2004.

CASELLATO, Gabriela. Luto não autorizado. **EmVida, morte e luto**. Karina Okajima Fukumitsu (org.). São Paulo: Editora Summus, 2018.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira. **Atlas da Violência 2023.** São Paulo: IPEA; FBSP, 2023. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/250/atlas-da-violencia-2023. Acesso em 14 abr. 2024.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpetrière**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

D'INCAO, Maria Ângela. Em **Histórias das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priori (org.). São Paulo: Editora Contexto, 2018.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, 1995.

EHRENREICH, Bárbara; ENGLISH, Deirdre. **Witches, Midwives and Nurses: A History of Women Healers**. Tacoma: Luminaria Press, 1972.

ENGEL, C. L. A violência contra a mulher. Em N. Fontoura, M. Rezende e A. C. Querino (Org.), **Beijing 20: avanços e desafios no Brasil contemporâneo**. Brasília: Ipea; 2020.

ESCUDERO, Camila *et al*. **Atlas de Violência: Violência contra a mulher.** IPEA, 2023. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/276/atlas-2023-violencia-contra-mulher. Acesso em: 17 abr. 2024.

FALKENBERG, Mirian Benites *et al.* Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 03, p. 847-852, mar. 2014.

FOULCALT, Michael. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FOUCALT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Mariza Scheffer; SOBRINHO, Vilma Pereira; CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. A Figura Feminina No Contexto da Inquisição. **Educere et Educare: Revista de Educação**. vol. 1, n. 1, p. 53-58, jan./jun. 2006.

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguim-Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. Em **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. **Em Obras Completas**, v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. Charcot. **Em Obras Completas**, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência. **EmEdição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. III. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

FREUD, Sigmund. A sexualidade na etiologia das neuroses. **EmObras Completas**, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **EmObras Completas**, v. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. Análise Fragmentária de uma histeria ("O caso Dora"). **Em Obras Completas**, v. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. A dissolução do Complexo de Édipo. **EmObras Completas**, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. **EmObras Completas**, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva,2007.

GOMES, Sérgio; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. A histeria no pensamento clínico de Donald W. Winnicott e Masud Khan. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 44, p. 217-241, jun. 2021.

GREGGIO, Tarcísio; JORGE, Marco Antônio Coutinho. A histeria e o sexual como espetáculo: reflexões sobre psicanálise e fotografia a partir de Georges Didi-Huberman. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 685-703, set. 2021.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

HUTTON, Roanld. **The Witch: a history of fear from ancient times to the present**. New Haven: Yale University Press, 2017.

KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino. São Paulo: Boitempo editorial, 2016.

KELNER, Lenice; SILVA, Bruna Nogueira da. Violação de direitos fundamentais e as manifestações do patriarcado na legislação penal brasileira: o discurso que legitima a violência contra a mulher. **Revista Húmus**, v. 11, n. 31, p. 344-360, 2021.

KRAMER, Heinrich; SPRENGUER, James. **O Martelo das Feiticeiras: *Malleus Maleficarum***, v. 17. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2004.

LAURETIS, Teresa de. Tecnologia de gênero. Em Heloísa Buarque de Holanda (org.) **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-241, 1994.

LEA, Henry Charles. **A History of Inquisition of The Middle Ages**, v. 1. Londres: The MacMillan Company, 1906.

LEA, Henry Charles. **A History of Inquisition of The Middle Ages**, v. 3. Londres: The MacMillan Company, 1906.

LEVACK, Brian P. **A caça às Bruxas: na Europa Moderna**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988.

LEVACK, Brian P. **The Witchcraft Sourcebook**. Londres: Routledge, 2004.

LOURENÇO, Lélio Moura; COSTA, Dayane Pereira. Violência entre Parceiros Intimos e as Implicações para a Saúde da Mulher. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 13, n. 1, p. 1-18, jan. 2020.

MAINKA, Peter Johann. A Bruxaria nos Tempos Modernos – sintoma de crise na transição para a modernidade. História: **Questões e Debates**. n. 37, p. 11-142, 2002.

MATINEZ, Viviana Carola Velasco; Neto, Gustavo Adolfo Ramos Mello. Pathos histérico: depressão e teatralidade. **Psychê**, n. 20, p. 79-98, jan./jun. 2007.

MAURANO, Denise. **Histeria: o princípio de tudo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

MIJOLLA, Alain de. **Dicionário Internacional da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

MINISTÉRIO DAS MULHERES. **Ligue 180 registra mais de 74 mil denúncias de violência contra mulheres nos primeiros 10 meses de 2023**; 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2023/novembro/copy_of_ligue-180-registra-mais-de-74-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulheres-nos-primeiros-10-meses-de-2023, acesso em 10 jun. 2024.

MOFFATT, Alfredo. **Psicoterapia do oprimido: ideologia e técnica da psiquiatria popular**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1986

MURARO, Rose Marie. Breve Introdução Histórica. Em **O Martelo das Feiticeiras: *Malleus Maleficarum*** (17ª ed.). Heinrich Kramer; James Sprenger, 1430-1505. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2004, p. 5-16.

NASIO, J. D. **A Histeria: teoria e clínicapsicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991.

NOGUEIRA, Chanelle de Moraes *et al.* Situações e repercussões da violência doméstica na saúde das mulheres. **Revista de Enfermagem Contemporânea**, v. 10, n. 2, p. 272-279, 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Devastadoramente generalizada: 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência***;* 2021.Disponível em: https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2021-devastadoramente-generalizada-1-em-cada-3-mulheres-em-todo-mundo-sofre-violencia, acesso em 27. Fev. de 2024.

PERROT, Michelle. **A história da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **A minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PORTUGAL, Ana Raquel. Feitiçaria, bruxaria e o pacto demoníaco. **Revista maracanan**, v. 7, n**. 7,** dez. 2011.

PRIORI, Mary del. Magia e Medicina na colônia: o corpo feminino. Em **Histórias das Mulheres no Brasil**. Mary del Priori (org.). São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 78-114.

PRIORE, Mary del. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil: 1500-2000**. São Paulo: Planeta, 2020.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. Em **Histórias das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priori (org.). São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 11-44.

RIBEIRO, Alexandre Simões; GONÇALVES, Gesianni Amaral; TEODORO, Elizabeth Fátima; BATISTA, Suelen Aparecida; FERREIRA, Pedro Henrique Estevão. Psicopatologia na contemporaneidade: análise comparativa entre o DSM-IV e o DSM-V. **Factral: Revista de Psicologia**, v. 32, n.1; p. 46-56, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5674.

RICO, Gabriela Fernanda; ACCORSI, Fernanda Amorim; ROSSETTO, Graça Penha Nascimento; LUCENA, Tiago Franklin Rodrigues. Maria e as Outras?: A Desnaturalização da Rivalidade Feminina em Narrativas Híbridas. *In:* Congresso De Ciências da Comunicação, 43, 2020. **Intercom**. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0457-1.pdf. Acesso em: 27 set. 2024.

ROSSI, Túlio Cunha. O discurso de amor na violência contra a mulher: análise sociológica de "Quem matou Eloá". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n° 102, p. 1-18, 2020.

SANTOS, Ana Luiza Roso dos. **Violência Conta a Mulher**: uma análise sobre gênero nos sites e agências de notícias online no Rio Grande do Sul no período de 2020-2021. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2022. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/5251. Acesso em 9 set. 2024.

SILVA, Maria Isabel; PELAZZA, Bruno Bordin; SOUZA, Janeth Helta. Educação em Saúde: relato de experiência de ações educativas para saúde em comunidades socialmente vulneráveis. **Revista Eletrônica da Divisão de Formação Docente**, v. 3, n. 1; p. 17-40, 2016.

SOUSA, Ana Carolina Tavares; SENNA, Nádia da Cruz; MEDEIROS, Rosângela Fachel de. Mulher e a histeria: do estigma científico ao silenciamento na arte. **Revista-Valise**, v. 13, n. 2, p. 174-190, dez. 2023.

UNITED NATIONS. **General Assembly resolution 48/104, 20 december 1993**. Declaration on the Elimination of Violence against Women. 1993.

VAINFAS, Ronaldo. Em **Histórias das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priori (org.). São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 115-140.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Em **Histórias das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priori (org.). São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 189-222.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criatividade e suas origens: Elementos masculinos e femininos cindidos presentes em homens e mulheres.** Em O brincar e a realidade. São Paulo: Ubu Editora 2019 [1966].

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e suas relações**. Curitiba: Appris, 2022.